



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGP
Mestrado em Psicologia

ANA CAROLINA RECAMONDE CAPELO

**Experiências de um bairro em transformação: a relação pessoa-ambiente nas
narrativas de antigos moradores do Centro de Fortaleza**

**Neighborhood transformation Experiences: the person-environment relationship in
former residents' narratives of downtown Fortaleza**

FORTALEZA

2018

ANA CAROLINA RECAMONDE CAPELO

**Experiências de um bairro em transformação: a relação pessoa-ambiente nas
narrativas de antigos moradores do Centro de Fortaleza**

**Neighborhood transformation Experiences: the person-environment relationship in
former residents' narratives of downtown Fortaleza**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza - Unifor - como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura.

Linha de Pesquisa: Ambiente, Trabalho e Cultura nas Organizações Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Karla Patrícia Martins Ferreira.

FORTALEZA

2018

Ficha catalográfica da obra elaborada pelo autor através do programa de geração automática da Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza

Capelo, Ana Carolina Recamonde.

Experiências de um bairro em transformacao: a relacao
pessoa-ambiente nas narrativas de antigos moradores do Centro
de Fortaleza / Ana Carolina Recamonde Capelo. - 2018
134 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade de
Fortaleza. Programa de Mestrado Em Psicologia, Fortaleza,
2018.

Orientação: Karla Patrícia Martins Ferreira.

1. Cidade. 2. Experiência. 3. Psicologia Ambiental. 4.
Relação pessoa-ambiente. 5. Narrativas. I. Ferreira, Karla
Patrícia Martins. II. Título.



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Processos Psicossociais e Relação Pessoa-Ambiente

Dissertação intitulada ***"Experiências de um bairro em transformação: a relação pessoa-ambiente nas narrativas de antigos moradores do Centro de Fortaleza"***, de autoria da mestranda **Ana Carolina Recamonde Capelo** aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Karla Patrícia Martins Ferreira (UNIFOR)

Profa. Dra. Sylvia Cavalcante (UNIFOR)

Profa. Dra. Idilva Maria Pires Germano (UFC)

Prof. Dr. Timothy Joseph Finan (Universidade do Arizona)

Fortaleza, 18 de Dezembro de 2018.

Visto:

Profa. Dra. Normanda Araujo de Morais
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UNIFOR

Dedicatória

Para meu avô, Emílio, que me
ensinou a ouvir histórias
e reclama que faço perguntas infinitas.

Agradecimentos

Aos meus avós, Emílio Recamonde Capelo e Maria Ester Cirino Capelo, meus pais nessa vida. Sem eles não seria possível.

À Edna Pinho de Carvalho, minha Deth, por ser tão grande na sua pequena estatura e me apresentar a muitos dos valores que me são tão caros.

À Thays Lavor, por estar ao meu lado e acreditar em mim.

À minha orientadora, professora Karla Patrícia Martins Ferreira, por ter sido afeto e dedicação desde o começo. Obrigada por me fazer chegar até aqui. O agradecimento é extensivo à sua família, Henrique e Flora Beltrão, que também me receberam em suas vidas.

À Sylvia Cavalcante, por ser a minha primeira e eterna orientadora; e por ter se permitido ser referência profissional e afetiva tão importante desde a graduação.

Aos professores Idilva Maria Pires Germano e Timothy Joseph Finan, membros da banca, por aceitarem o convite e contribuírem para o crescimento deste trabalho.

À Sônia Bezerra, secretária do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Unifor, pelo sorriso doce e eterna disponibilidade.

Aos colegas Airton Baquit e Rochelle Arruda, membros do LERHA, por serem riso e parceria.

À Isabella Marques Campos, minha amiga, minha irmã, por sempre me acolher, me apoiar, abrir as portas da sua morada e puxar a bicama todas as vezes em que precisei. O agradecimento é extensivo à sua família, Ramiro e Isadora Costa, que também são casa para

mim.

À Isabela Accioly, pelo eterno carinho e suporte. Pelo telefone ligado naquela madrugada também. Eu nunca vou esquecer.

Aos amigos Rafael Veras e Jossiênia Costa por abrirem suas casas, braços e ouvidos a todo momento. E por acreditarmos que será possível.

Ao amigo-irmão Pedro Monteiro, por ser pedra e sempre dizer para eu não desistir. E por ser o melhor tradutor de plantão durante todos esses anos.

À minha futura comadre Ticiane Antunes, por ser inspiração e amor.

Aos amigos Sara Parente, André Oliveira, Célio Chaves e Lídia Farias por estarem perto e se importarem.

À Bianca Gomes, pela parceria e lealdade cultivadas durante o mestrado. Sou muito grata por este reencontro.

À Cristiana Moura e Anya Studart, por dividirmos esse processo tortuoso e nos apoiarmos umas nas outras em tantos momentos.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelo suporte financeiro concedido durante a elaboração desta pesquisa.

A cidade se embebe como uma esponja
dessa onda que refluí das recordações
e se dilata.

Uma descrição de Zaíra como é atualmente
deveria conter todo o passado de Zaíra.
Mas a cidade não conta o seu passado,
ela o contém como as linhas da mão,
escrito nos ângulos das ruas,
nas grades das janelas,
nos corrimãos das escadas,
nas antenas dos pára-raios,
nos mastros das bandeiras,
cada segmento riscado por arranhões,
serradelas, entalhes, esfoladuras.

(Ítalo Calvino, *Cidades Invisíveis*)

RESUMO: O centro da cidade de Fortaleza, assim como as áreas centrais de muitas cidades, passou, desde a década de 1970, por intensas transformações. Essas transformações giram em torno do crescimento da cidade para outras regiões além da progressiva independência dos outros bairros em relação à função comercial e de serviços ofertada pela área central. A demarcação temporal utilizada se deve ao início da construção dos *shoppings centers* na cidade, que passam a ser novos centros de consumo, serviços e lazer. Essas mudanças apontadas se inscrevem numa lógica globalizada e se articulam com a formação de modos de agir no espaço próprias das relações sociais que se estabelecem. Este estudo teve como objetivo geral compreender as experiências e relações que idosos, habitantes da cidade de Fortaleza, que moram ou moraram no centro a partir da década de 70, estabelecem com o bairro diante das transformações vivenciadas. A partir da perspectiva teórica da Psicologia Ambiental, área que se propõe a pensar as interrelações pessoa-ambiente. A entrevista narrativa foi utilizada para a coleta de dados por consistir num método que possibilita pontos de conexão entre as histórias dos participantes e da cidade. Seis idosos foram entrevistados e suas narrativas foram submetidas à Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977). Dessa análise, cinco categorias relacionadas às principais transformações do centro foram identificadas e discutidas. Percebeu-se que, diante das grandes transformações, alguns conceitos estudados pela Psicologia Ambiental atravessam as relações estabelecidas com o bairro. A relação dos habitantes de Fortaleza com a área central aparece como um campo de estudos relevante para a compreensão da dinâmica da cidade. Apesar da importância do bairro para a cidade, as estratégias do poder público aparecem como pontuais e desarticuladas para conter o processo de fragmentação da região.

Palavras-Chave: Cidade. Experiência. Psicologia Ambiental. Relação pessoa-ambiente. Narrativas.

ABSTRACT: As in many other large cities, the downtown Fortaleza has undergone intense transformations since the 1970s. These changes includes the growth of the city to other regions besides the progressive independence of the other districts regarding the commercial and service function offered by the central area. The time lapse used came from the start of the first city malls constructions. They became the new centers of consumption, services and leisure. This is due to the globalized logic and it is articulated with the formation of ways of using the space regarding the social relations that are established. The objective of this study was to understand the experience and the relationship that the elderly, inhabitants of the city of Fortaleza, who live or lived in the center from the 70s, establish with the neighborhood in transformations. This effort is grounded in the theoretical perspective of Environmental Psychology, which is an area that proposes to think about the person-environment interrelationships. The narrative interview was used to collect data because and it consists of a method that allows points of connection between the stories and the city. Six elderly people were interviewed, and their narratives were submitted to the Content Analysis proposed by Bardin (1977). From this analysis, five categories related to the downtown main transformations were identified and discussed. It was noticed that with great changes some concepts studied by the Environmental Psychology approach the relations established with the neighborhood. The relationship of the Fortaleza's inhabitants with the central area emerge as a field of studies relevant to the understanding of the city's dynamics. Despite the neighborhood significance for the city, state's strategies appear as punctual and disarticulated to contain the fragmentation process of the region.

Keywords: City. Experience. Environmental Psychology. Person-environment Relationship. Narratives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Categorias iniciais	48
Quadro 2 – Categoria intermediária I	50
Quadro 3 – Categoria intermediária II	51
Quadro 4 – Categoria intermediária III.....	52
Quadro 5 – Categoria intermediária IV	53
Quadro 6 – Categoria intermediária V	53
Quadro 7 – Categoria intermediária VI.....	54
Quadro 8 – Categoria intermediária VII.....	54
Quadro 9 – Categoria intermediária VIII.....	55
Quadro 10 – Ilustração geral do processo de formação das categorias	58

SUMÁRIO

1. Cidade, memória e experiência: primeiras impressões	11
2. A cidade e seus percursos	14
2.1 Cidade, história e modernidade	16
2.2 Quando o centro se descentraliza: sobre modernidade e memória	22
2.3 Fortaleza e o centro: histórias entrelaçadas do bairro, da cidade e do mundo.....	32
3. Sobre experiência e narrativa na cidade	35
3.1 Experiência e narrativa: algumas considerações iniciais	35
3.2 A cidade e experiência: a relação humano-ambiental nas narrativas	41
4. O método: uma Análise de Conteúdo das narrativas sobre a cidade	45
5. Resultados e discussão: o que dizem as narrativas.....	48
5.1 O percurso de identificação das categorias	48
5.2 A relação pessoa-ambiente através das categorias de análise encontradas.....	59
5.2.1 “Infelizmente o Centro acabou-se, né?” – O deslocamento para os shoppings.....	59
5.2.2 “Eu mesmo não saio daqui, não” - Laços de vizinhança e apego ao lugar.....	75
5.2.3 “O tempo modifica tudo”- Sentimento de (in)segurança na relação com o bairro....	86
5.2.4“Agora, no meio da rua ninguém pode andar” - Mobilidade e acesso aos serviços..	97
5.2.5 “Foi uma transformação muito acelerada” - Sobre a ambiência do Centro.....	102
6 Considerações Finais	114
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICES	121
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	122
ANEXOS	128
ANEXO A - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética	12

1 Cidade, memória e experiência: primeiras impressões

Numa época em que precisamos lidar com as consequências da modernidade, Giddens (1991), considera que, num contexto de relações trabalhistas precarizadas, fragilização das relações sociais e dos vínculos comunitários, bem como de ruptura na crença das instituições sociais e a aceleração excessiva do tempo, as dificuldades em vivenciar o espaço nos chegam de forma ainda mais representativa.

As grandes cidades, centros de habitação, serviços, lazer e, principalmente, mercado, acabaram por ter, em seu crescimento, uma sociedade em que a acumulação do capital é o objetivo, prioriza-se uma lógica de especulação imobiliária degradante. O tecido urbano, assim, passa por um processo de grandes mudanças, sob a égide da intensa transformação urbana, com um olhar extremamente voltado para o "embelezamento" acompanhado do apagamento da memória e do distanciamento dos espaços públicos.

A experiência, percebida como “passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente ‘ex-iste’ de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente” (Bondía, 2002, p. 25) necessita de certa exposição do indivíduo para acontecer. Exposição para sentir, para ser tocado por algo, para ser atravessado, afetado e transformado por essa existência. Como, em tempos de tamanho distanciamento da realidade, aceleração do tempo seremos seres passíveis de experiência?

A experiência precisa de um solo para acontecer, um território onde possamos nos situar e pausar. Para entrar em contato, é preciso que a pausa, de alguma forma, aconteça. Assim, os lugares e as transformações sociais e materiais nos espaços estabelecem relações com as experiências das pessoas. A cidade, então, não está fora desse campo de possibilidades.

A experiência é atravessada pela memória uma vez que, assim como discutido por

Schmidt e Mahfoud (1993), “a experiência dos indivíduos é a ancoragem para a construção contínua e comum que chamamos memória coletiva, cujos conteúdos, por esta razão, não são arbitrários” (p. 292).

No entanto, com as transformações vividas nos agrupamentos urbanos na contemporaneidade, experiência e memória, elementos associados, têm a sua existência modificada assim como podemos ver num trecho de Ecléa Bosi (1979):

Mas a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos? (p. 70)

Os idosos, assim, constituem-se em importantes atores para a compreensão das experiências na cidade que tem seus espaços modificados uma vez que “a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições” (Bosi, 2004, p. 15).

Além dos documentos ou do patrimônio, as narrativas nos apresentam “a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana. Colhe pontos de vista diversos, às vezes opostos, é uma recomposição constante de dados” (Bosi, 2004, p. 20).

Nesse contexto, as narrativas sobre a cidade que nos interessam passam a ser, aparentemente, circunscritas aos idosos, pessoas que tem o ato de rememorar como uma de

suas principais funções sociais. Seriam, então, os idosos os sujeitos da experiência na cidade? Quais os papéis possíveis desses idosos na cidade? Como suas histórias de vida estabelecem pontos de conexão com a história da cidade?

A Psicologia Ambiental, área da Psicologia que trabalha com “o estudo do significado simbólico do espaço e a compreensão dos processos psicossociais derivados das relações e interações entre as pessoas, grupos, comunidades e seus entornos sociofísicos” (Gonçalves, 2007, p. 25), consiste num importante olhar que perpassa a pesquisa em questão.

A referida pesquisa tem como objetivo geral compreender as experiências e relações que idosos, habitantes da cidade de Fortaleza, que moram ou moraram no Centro de Fortaleza a partir da década de 70, estabelecem com o bairro e, conseqüentemente, com a cidade diante das transformações ocorridas na região.

Os objetivos específicos são: Identificar as principais mudanças sofridas pelo centro de Fortaleza da década de 70 até a atualidade sob a perspectiva dos participantes; Analisar suas trajetórias de vida em relação com as transformações do bairro; Identificar e relacionar os principais processos psicossociais presentes no discurso dos participantes.

O primeiro capítulo da dissertação, intitulado “A cidade e seus percursos” apresenta uma discussão acerca do percurso das cidades na história, passa pela importância das áreas centrais e é finalizado com algumas considerações sobre Fortaleza.

O segundo capítulo traz a importância da narrativa e da experiência em articulação com a cidade. Além disso, aborda um pouco da relevância da articulação com o campo da Psicologia Ambiental.

Em seguida, o método apresenta aspectos referentes aos padrões éticos e embasamento para coleta e análise dos dados. Após o método, apresenta-se o percurso traçado para a identificação das categorias acompanhado da discussão dos resultados encontrados nas narrativas.

2 A cidade e seus percursos

Ao publicar um texto sobre o espaço urbano intitulado “O que é cidade?”, Raquel Rolnik (2012) esclarece que as cidades consistem no resultado de trabalho e imaginação, sendo consequência de um labor coletivo que se efetiva através de um permanente desafio à natureza. O processo de sedentarização humano, onde os grupos passaram a desenvolver uma nova relação com o meio ambiente a fim de dominá-lo, foi marcado pelo início da agricultura. A partir de então, se fez necessário o estabelecimento na terra e a apropriação do território para a efetivação da atividade.

Diante da procura de uma característica essencial das cidades tanto antigas quanto contemporâneas, Rolnik (2012), relaciona ao ambiente urbano o atributo de ímã dada a sua capacidade de atrair, concentrar e reunir pessoas. A autora afirma que, antes de se tornar lugar de moradia e trabalho, a cidade se constitui num campo de atração. Os zigurates, templos conhecidos como os primeiros embriões das cidades, construídos há aproximadamente três mil anos antes de Cristo, materializam o começo do "desejo humano de modelar a natureza" e são a representação de que “a garantia de domínio sobre este espaço está na apropriação material e ritual do território” (p.13).

As cidades, por toda a complexidade que envolvem, são organismos difíceis de serem definidos e estudados em decorrência de todos os elementos sociais, históricos e econômicos que as atravessam. Em sua obra fundamental para a compreensão das origens e transformações das cidades, Mumford (2004), apesar de empreender uma vasta e profunda análise desde os seus primeiros vestígios até a atualidade, afirma que:

Não há definição que se aplique sozinha a todas as suas manifestações nem descrição isolada que cubra todas as suas transformações, desde o núcleo social

embrionário até as complexas formas da sua maturidade e a desintegração corporal da sua velhice. As origens das cidades são obscuras, enterradas ou irrecuperavelmente apagadas uma grande parte do seu passado, e são difíceis de pesar suas perspectivas futuras. (p. 09)

Nesse caso, segundo o autor, é necessário compreender que as origens das cidades podem ser encontradas em elementos anteriores que talvez tenham produzido menos indícios materiais do que seus vestígios físicos: a vida social, a linguagem, o ritual. (Mumford, 2004) Sendo assim, não é possível pensar numa forma urbana que não prescindia e não se relacione intrinsecamente com a sociedade.

Henri Lefebvre (2001), filósofo e importante teórico dos estudos sobre as cidades, considera que os elementos “cidade” e “urbano” consistem em formas sociais e ainda propõe uma distinção teórica entre os conceitos. O autor define como “urbano” a “realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento” (p. 54) enquanto as cidades seriam a “projeção da sociedade sobre o local” (p. 62). Essas duas formas não são isoladas uma da outra, sendo construídas numa relação dialética e histórica:

Não há obra sem uma sucessão regulamentada de atos e de ações, de decisões e de condutas, sem mensagens e sem códigos. Tampouco há obra sem coisas, sem uma matéria a ser modelada, sem uma realidade prático-sensível, sem um lugar, uma “natureza”, um campo e um meio. (Lefebvre, 2001, p. 54)

É nas cidades, esses espaços onde as relações, os modos de produção e todos os aspectos referentes ao campo social se produzem que temos a oportunidade de viver, refletir

e, também, de (re)construir a história. Assim, esse é um importante lócus que apresenta a possibilidade de "promover uma revolução social, ao congregar e expressar as contradições fundamentais da nossa sociedade" (Araújo, 2012, p. 134).

Para que possamos chegar a uma discussão sobre a cidade atual neste estudo, é importante que façamos uma breve contextualização do processo histórico, social e econômico pelo qual as urbes passaram. Lefebvre (2001) situa as cidades, sob a perspectiva de sua construção histórica, em quatro períodos: cidade política, cidade comercial, cidade industrial e "ponto crítico", onde "se situa a problemática atual da cidade e da realidade urbana" (p. 78).

2.1 Cidade, história e modernidade

No Ocidente, a primeira cidade que conhecemos é a cidade-estado, a cidade política. A polis grega, símbolo da antiguidade clássica, é o centro do poder dos homens livres e tem a ágora, espaço onde as decisões políticas eram tomadas, como centralidade. Araújo (2012) enfatiza que nessa organização já havia a divisão social e espacial do trabalho onde funções sociais diferentes eram exercidas em espaços diferentes. Quanto à relação cidade-campo, para Lefebvre (2001), a cidade política estabelecia uma relação de dominação com a vizinhança agrária. O comércio, aqui, era mal visto e considerado uma atividade de "forasteiros" que desempenhavam seu trabalho em regiões distantes do centro.

Na antiguidade, as cidades consistiam em importantes espaços de democracia onde a vida política ocupava espaço central de grande prestígio. Os cidadãos desempenhavam seu papel na polis através da participação nas deliberações sobre a cidade numa práxis voltada para a coletividade. Apesar disso, Bomfim (2010) lembra que há discordâncias sobre a polis

grega como exemplo de democracia visto que aqueles considerados cidadãos eram apenas homens nascidos na cidade e filhos de homens também nascidos lá. Ou seja, ficavam excluídos desse grupo "as mulheres, os jovens, os escravos e os estrangeiros" (p. 30).

Possivelmente, não encontraremos na História da humanidade um exemplo perfeito de cidade como concretização de uma relação direta entre uma estrutura social e justa e uma vida cotidiana igualitária de seus habitantes, como modo de vida mais humano, participativo e que seja o modelo de cidade que dignifique a existência humana na vida urbana. (Bomfim, 2010, p. 30)

A atividade comercial passa a, progressivamente, se fortalecer e a concentrar riquezas nas mãos dos comerciantes, a nova classe hegemônica. Assim, conforme apontado por Araújo (2012), a cidade política, apesar de sua resistência, vai perdendo espaço para uma nova cidade: a cidade comércio. Nessa nova configuração, a praça, com tudo o que a sua centralidade antes representava, passa a ser lugar de mercado. Lefebvre (2001) esclarece que a cidade comercial, em seus primórdios, relega o comércio à sua periferia, mas "a seguir integra o mercado integrando-se ela mesma numa estrutura social baseada nas trocas, nas comunicações ampliadas, no dinheiro e na riqueza mobiliária" (p. 77).

Conforme discute Araújo (2012), a cidade comércio intensifica a troca e, conseqüentemente, "circuitos comerciais entre cidades são estabelecidos porque a riqueza, aos poucos, vai deixando de ser só imobiliária (terras) para ser também mobiliária (dinheiro)" (p. 135). O acúmulo de dinheiro trazido pelo comércio faz com que os primeiros bancos sejam criados. Apesar de tamanha transformação, a prática social, ao contrário das mercadorias, ainda não havia se pautado no valor de troca e continuava se baseando nos costumes: "o que permite com que a festa, a reunião, a apropriação da rua ou da praça

aconteçam de acordo com as possibilidades de emprego de tempo, e segundo éticas e estéticas próprias aos grupos sociais” (p. 135).

O processo de industrialização, próxima etapa a acontecer na cidade comércio, foi consequência de um crescente acúmulo de riquezas e provocou mudanças fundamentais tanto sobre as cidades quanto sobre as práticas sociais. Para Lefebvre (2001), em torno do século XVI, as produções artesanais e industriais ascenderam em detrimento da importância da produção agrícola. Assim, a cidade industrial se estabelece e é nesse período que as populações camponesas migram para as áreas urbanas favorecendo as grandes concentrações.

A cidade e a sociedade urbana não se transformam em decorrência de processos fechados e contínuos, mas a partir de mudanças estruturais nos modos de produção, nas relações estabelecidas com o campo, nas relações entre classes e de propriedade:

A sociedade urbana se anuncia muito tempo depois que a sociedade no seu conjunto balançou para o lado do urbano (da dominação urbana). Vem então o período em que a cidade em expansão prolifera, produto das periferias distantes (subúrbios), invade os campos. (Lefebvre, 2001, p.77)

A indústria, durante seu estabelecimento, segundo Araújo (2012), negou não só a cidade como também a estrutura social presente nela. Assim, o autor identifica uma ruptura histórica na transição entre as cidades comerciais e industriais, o que teria acarretado a radicalização de uma crise que presenciamos até a atualidade. Inicialmente, a indústria se estabeleceu fora da área urbana em decorrência da necessidade de matérias-primas e fontes de energia geralmente localizadas em seu exterior. Com o passar do tempo, “a indústria se aproximou das cidades por conta da abundância de mão-de-obra, capitais e do próprio

mercado” (p. 135).

Ao ter a sua centralidade negada, a cidade viveu um movimento denominado “implosão”, onde “o conteúdo político e comercial perde sua potência social” (Araújo, 2012, p. 135). Posteriormente, há um processo de “explosão”, onde há uma “projeção de fragmentos da malha urbana disjuntos por uma vasta região (as periferias)” (Araújo, 2012, p. 135). Faz-se necessário ressaltar que o conceito implosão-explosão é construído por Lefebvre (1999). Para Almeida et al (2017), os conceitos referidos anteriormente “estão entre as principais tendências contemporâneas de reestruturação produtiva e do espaço urbano” (p. 325).

Deste duplo processo (implosão-explosão) uma anticidade foi produzida, negando com extrema potência a cidade política-comercial. Essa anticidade tem como fundamento a generalização das relações pautadas no valor de troca, sobrepujando-se ao valor de uso e, conseqüentemente, a substituição da obra pelo produto. Tal fundamento esvaziou a qualidade dos costumes e das relações espaço-tempo, aplainando-as a uma condição quantitativa cuja melhor expressão está contida no cotidiano. Por exemplo, as festas de outrora ricas de significações se tornaram uma repetição de signos destinados ao consumo. É como se a cidade fosse compelida a se transformar em uma gigantesca empresa. (Araújo, 2012, p.136)

O processo de transformação da vila medieval em cidade-capital no estado moderno, segundo Rolnik (2012), tem duas grandes conseqüências: a primeira é a radicalização da organização das urbes onde a mercantilização da terra urbana, anteriormente garantida apenas pela ocupação, faz com que o espaço urbano passe a ser tratado como mercadoria assim como qualquer objeto. A segunda consiste na organização de uma cidade baseada na

divisão da sociedade em classes. A partir de então, "um poder centralizado se instala; um poder de novo tipo, que interfere diretamente na condução do destino da vida cotidiana dos cidadãos" (p. 39).

Ao constituírem-se num polo de atração e aglomeração humana e vida política, as cidades tornam-se também espaços de potencialização de capacidade produtiva. A proximidade entre produtores no tecido urbano favorece a divisão do trabalho, a especialização da produção, permutas e a consolidação de um mercado que produz, comercializa e acumula capital. (Rolnik, 2012)

Hoje, a imagem de cidade como centro de produção e consumo domina totalmente a cena urbana. Nas cidades contemporâneas não há praticamente nenhum espaço que não seja investido pelo mercado (ou pela produção para o mercado). À nossa volta existe uma espécie de evidência fantástica do consumo, criada pela multiplicação dos objetos/mercadoria, onipresentes no cotidiano da cidade - eles estão acumulados aos montes em nossas casas, expostos nas vitrinas que ocupam nossas ruas, exibidos pela publicidade nas centenas das mensagens diárias emitidas pelos meios de comunicação de massa. (Rolnik, 2012, p. 28)

Almeida et al (2017), enfatizam que alguns dos aspectos apontados por Lefebvre (1999) para o abandono das áreas centrais, mais densas, implodidas, seria a grande cidade tida como "local de vícios, poluições e doenças, embebidas em um meio de alienação urbana e segregação generalizada" (p. 327). Assim, aqueles que podiam escolher um novo local de moradia, deixavam essas áreas em busca de regiões mais distantes. "No caso americano, a partir dos anos 50, levou ao que se chama de 'whiteflight', por exemplo." (p. 327)

A "antichidade" ou a "não-cidade", segundo Almeida et al (2017), se refere à nova lógica pertencente aos espaços onde as indústrias inicialmente se instalaram, fora das cidades propriamente ditas e que, progressivamente, "invadiram" os espaços urbanos. Essa nova lógica da produção industrial, quando penetra a cidade, provoca a sua explosão, o processo de urbanização extensiva e o espraiamento do tecido urbano. (Monte-Mór, 2007, 2014 apud Almeida et al 2017)

Dessa forma, o urbano, assim como assinala Araújo (2012), "é um fenômeno que se impõe em escala mundial a partir do duplo processo de implosão-explosão da cidade atual. Ele é um conceito, uma temática e, por necessidade de articulação teórica e prática, uma problemática (p. 134).

Uma importante discussão empreendida em torno da contextualização contemporânea das cidades é o conceito de "exópolis" criado por Soja (2000). Para o autor, o prefixo "exo" se refere às cidades que não se organizam em torno de uma centralidade. O termo também se refere a "forças exógenas" oriundas do processo de globalização que redesenham os espaços urbanos em decorrência das transformações sociais. "O prefixo pode também ser visto como uma dica de "final de", como em "ex-cidade", a ascensão de cidades sem os traços tradicionais de como elas eram definidas no passado" (Almeida et al, 2017, p.325).

Os conceitos de implosão-explosão e exópolis acima mencionados, em sua relação com a cidade contemporânea, representam movimentos característicos daquilo que Soja (2000) define como pós-metrópole. Para o autor, a pós-metrópole diz respeito às cidades contemporâneas onde o "pós" aponta para uma mudança em relação às questões tradicionais.

Isso não significa que a metrópole enquanto categoria de análise desapareceu, mas que sua dinâmica social, cultural, política e econômica como uma forma

organizacional distintiva do habitat humano não é mais como foi; e que uma nova forma urbana e de habitat (e de mercado habitacional) está emergindo, não como um substituto completo, mas como a fronteira do desenvolvimento urbano contemporâneo. (Almeida et al, 2017, p. 331)

O conceito de pós-metrópole é, segundo Soja (2013), em um texto publicado, “propositalmente vago que se refere aos diversos aspectos da mudança urbana que foram identificados e às literaturas específicas e espacialmente ricas (discursos) que emergiram do esforço de dar um sentido prático e teórico a essas mudanças” (p.143).

De acordo com o breve percurso histórico apresentado, Araújo (2012) lembra que a cidade atual apresenta muitas mudanças em relação às formas urbanas anteriores. A cidade e o urbano apontados por Lefebvre se modificaram e o elemento responsável por isso não são os estudos sobre as questões que os envolvem, pois a cidade é um "locus da reprodução social, na realidade, o principal; o urbano anuncia sua mundialidade em um período trans-histórico” (p. 134). Assim, a modernidade e a cidade, em relação dialética, se relacionam e se constroem mutuamente, numa única materialização das práticas sociais.

2.2 Quando o centro se descentraliza: sobre modernidade e memória

As consequências trazidas pela modernidade giram em torno de mudanças repentinas que acarretam, frequentemente, transformações profundas e inesperadas. Embora alguns autores se refiram a um período denominado pós-modernidade, Giddens (1991) afirma que “em vez de estarmos entrando na pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do

que antes.” (p. 09)

Algumas questões se colocam como explicações para as discontinuidades inerentes a este período. Giddens (1991), por exemplo, aponta o ritmo de mudança colocado em movimento onde não apenas a tecnologia se insere, mas também outras dimensões. Com a intensificação da aproximação entre as diversas partes do mundo, as transformações sociais passam a ser mais profundas e a natureza das instituições modernas passa a se confundir uma vez que “algumas formas sociais modernas simplesmente não se encontram em períodos históricos precedentes” (p. 12).

O mundo em que vivemos hoje é um mundo carregado e perigoso. Isto tem servido para fazer mais do que simplesmente enfraquecer ou nos forçar a provar a suposição de que a emergência da modernidade levaria à formação de uma ordem social mais feliz e mais segura. A perda da crença no "progresso", é claro, é um dos fatores que fundamentam a dissolução de "narrativas" da história. Há, aqui, entretanto, muito mais em jogo do que a conclusão de que a história "vai a lugar nenhum". (Giddens, 1991, p. 15)

Ao refletir sobre desafios e paradoxos da contemporaneidade tanto para a ação política quanto para o pensamento, o geógrafo Augé (2010) aponta como primeiro paradoxo a questão espaço-temporal. Uma nova noção de tempo e espaço que se constitui num contexto de intensa aceleração do tempo acarreta a vivência de um presente perene onde até a percepção do movimento passa a ser impedida. Para o autor, as modificações nas distâncias territoriais e temporais serão modificadas a tal ponto que as medidas do tempo em séculos passarão a ser extensas demais para os trabalhos dos futuros historiadores.

Em tempos da comunicação instantânea das imagens e das mensagens, não mais ousamos imaginar o futuro e temos o sentimento de viver numa espécie de presente perpétuo onde os eventos se acumulam, mas não fazem sentido. Nós oscilamos entre nostalgia e consumo bulímico da atualidade. (Augé, 2010, p.08)

Ao mesmo tempo em que presenciamos profundas alterações tecnológicas e informacionais, percebemos que pouco ou nada avançamos em relação ao enfrentamento das desigualdades sociais, o que se materializa nas cidades, numa produção dialética do espaço que, por sua vez, alimenta ainda mais desigualdade e segregação: "A cidade-mundo é enclausurada de mil maneiras; encontramos aí bairros privados, superprotegidos, e bairros que escapam ao controle da polícia." (Augé, 2010, p. 08).

Ao contrário da cidade antiga, fechada e vigiada para defender-se de inimigos internos e externos, a cidade contemporânea se caracteriza pela velocidade da circulação. São fluxos de mercadorias, pessoas e capital em ritmo cada vez mais acelerado, rompendo barreiras, subjugando territórios. (Rolnik, 2012, p. 09)

Apesar da crise contemporânea das relações e do urbano, precisamos considerar que viver nas cidades implica, necessariamente, ser parte de uma vida coletiva e constituir uma massa que, mesmo trilhando um caminho aparentemente individual, aglomera-se, concentra-se em torno de uma dimensão pública aparentemente organizada. (Rolnik, 2012)

A relação morador da cidade/poder urbano pode variar infinitamente em cada caso, mas o certo é que desde sua origem cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. Assim, ser habitante da cidade

significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos. (Rolnik, 2012, p. 21)

Dentre as mudanças fundamentais percebidas nas cidades contemporâneas, uma delas é a mudança na relação entre os centros e outras regiões do tecido urbano. Neste estudo, essa relação constitui um elemento relevante para a pesquisa a ser empreendida. Os processos sociais e a acumulação de capital possuem grande importância na organização do espaço urbano uma vez que esses processos, para Correa (1989), “criam atividades e suas materializações, cuja distribuição espacial constitui a própria organização espacial urbana” (p. 36), gerando assim as formas espaciais na cidade.

Dois dos processos espaciais trabalhados por Correa (1989) são o de centralização numa área principal e o de descentralização a partir da criação de núcleos secundários. Para o autor, esses processos podem acontecer simultaneamente, sendo complementares entre si, e não apenas de forma isolada.

No começo do século XX, levando em consideração as transformações oriundas da Revolução Industrial, e o estabelecimento do capitalismo, a forma espacial da área central, característica do processo de centralização, começa a ser considerada um fenômeno urbano. A cidade se utiliza de ligações com outras regiões através de mercadorias, pessoas e dinheiro e é nessas áreas centrais que se concentram “as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos” (Correa, 1989, p. 38), materializando a magnitude desta forma espacial e a sua instalação como um movimento mundial. Correa (1989) aponta ainda a valorização da terra nessas áreas, onde o preço dos imóveis garante que a ocupação passe por uma seleção de atividades e maior processo de verticalização.

Com o tempo, segundo Correa (1989), passa a ocorrer o processo de descentralização em decorrência de diversos fatores. As empresas, por causa dos problemas gerados pela intensa centralização e pela atratividade de outras regiões das cidades, decidem migrar para áreas não-centrais. Esse processo está vinculado ao crescimento demográfico e espacial das cidades onde o comércio passa a descentralizar seus pontos para atender às necessidades dos bairros que surgem e se desenvolvem. Os meios de transporte, que já não eram mais presos ao chão, também contribuem para essa nova configuração.

Ao haver maiores atrativos em outras regiões da cidade, no movimento de descentralização, se estabelece um complexo conjunto de núcleos secundários. Esses núcleos secundários são hierarquizados e constituem “uma réplica intra-urbana da rede regional de localidades centrais” (Correa, 1989, p. 51). Além disso, “para o consumidor, o aparecimento de núcleos secundários de atividades comerciais gera economias de transporte e tempo, induzindo a um maior consumo, o que é do interesse do capital produtivo” (p. 48).

O processo de descentralização com o surgimento de novos núcleos, também chamado de “centramentos múltiplos”, modifica a estrutura da cidade em si. Nesse movimento de metropolização, Prigge (2002) aponta a cidade-núcleo como principal perdedora da globalização uma vez que a transferência das funções urbanas para outras regiões destrói a sua substância:

A suburbanização progride com o trabalho em zonas industriais, com a moradia em condomínios campestres, com as compras feitas nos hipermercados localizados na periferia das cidades, com as culturas urbanas em cinemas ou centros de diversão periféricos: onde fica hoje a “cidade” em sua forma compacta e com sua estrutura complexa? (p. 56)

Surgem, assim, nos espaços periféricos, núcleos de crescimento econômico. As áreas centrais do espaço urbano também passam a fragmentar-se, modificando as relações estabelecidas: “na estrutura policêntrica da região urbana se destacam os processos simultâneos de concentração e de dispersão, fugindo do modelo tradicional com centro e periferia” (Prigge, 2002, p. 57). Com o avanço desse processo, os significados de termos como centro, periferia, cidade e campo passam a ser modificados uma vez que “são igualmente fragmentos de uma estrutura do espaço regional que se tornou policêntrica” (p. 57).

Quanto ao esvaziamento dos centros urbanos, Bomfim (2010) define o movimento como uma das faces excludentes do processo de globalização. A área central, antes valorizada pela ocupação da elite de poder, passa a sofrer uma inversão em relação ao nível de residência da classe trabalhadora. Um exemplo trazido pela autora é o das "edge cities", onde o centro é perigoso por ser área de abrigo da população de rua. Apesar disso, é nesse espaço que se localizam muitas das grandes empresas e uma parte dos órgãos de administração pública, que pouco intervém.

Nesse modelo, Bomfim (2010) ressalta a organização de uma cidade muito voltada para o consumo e pouco voltada para a participação cidadã: “Não há cidadão, não há cidade como espaço da cidadania” (p. 41). Assim, os shoppings centers, grandes centros comerciais, passam a ser considerados, numa completa inversão entre público e privado, espaços públicos.

A crise gerada pela globalização é acentuada pela situação de ingovernabilidade deste modelo. No mundo globalizado do séc. XXI, a empresa está na frente da gestão da cidade, interferindo e conhecendo mais que o Estado no processo de gerenciamento do espaço na cidade. O Estado está ausente e gera uma situação de

ingovernabilidade. (Bomfim, 2010, p. 42)

Ao dissertar sobre o distanciamento que as cidades empreendem de seus centros antigos, que passam a ser substituídos pelos shoppings, Sarlo (1997) compara os centros comerciais a “cápsulas” dentro das cidades, onde todas as necessidades de consumo podem ser satisfeitas, menos aquelas relacionadas com a cultura e hábitos locais.: “Como uma nave espacial, o shopping tem uma relação indiferente com a cidade à sua volta: essa cidade é sempre o espaço externo, sob a forma de autopista ladeada por favelas, avenida principal, bairro suburbano ou avenida de pedestres” (p.16). A autora relaciona isso a uma experiência urbana que rompe com as tradições e promove a aceleração do tempo, diminuindo assim a qualidade da própria experiência.

No percurso de suas transformações, o espaço urbano registra a sua história através da arquitetura. Rolnik (2012) define a cidade como "cidade escrita" uma vez que ela conta, através de suas demarcações urbanas, monumentos e construções uma parte daquilo que passou:

O próprio espaço urbano se encarrega de contar parte de sua história. A arquitetura, esta natureza fabricada, na perenidade de seus materiais tem esse dom de durar, permanecer, legar ao tempo os vestígios de sua existência. Por isso, além de continente das experiências humanas, a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história." (p.09)

Num contexto de intensidade de transformações, os antigos centros urbanos consistem em espaços com grande potencial de memória edificada no patrimônio material. Ao caminhar por esses lugares, podemos perceber os rastros daquilo que foi vivido por seus

antigos habitantes a partir do que ouvimos e sentimos nos relatos presentes nas narrativas daqueles que estão por aí para contar suas histórias. Almeida et al (2017) nos ensinam que esse processo de mudança na lógica de organização das grandes cidades é recente uma vez que "Quase todo urbanista concorda que a reestruturação urbana mundial foi particularmente intensa e generalizada nos últimos 40 anos" (p.329).

Ao referir-se à obra de Ítalo Calvino, "As Cidades Invisíveis", Bomfim (2010) enfatiza que viver nas cidades não está associado exclusivamente às atividades comerciais e econômicas, mas fundamentalmente às trocas simbólicas onde as palavras, os desejos e a memória ocupam lugar fundamental "para o bem-estar psicossocial dos indivíduos no cotidiano" (p. 30).

A "ausência de memória", para Gondim (2001), suscita importantes reflexões no campo da cidadania uma vez que esta é atravessada pela participação e construção da cultura, da política e também da noção de coletividade no que diz respeito às dimensões espaciais e temporais. Sendo assim, a questão da memória influencia e é influenciada a/pela construção do espaço público, dimensão relevante para o exercício da cidadania.

Em *Entre memória e história: A problemática dos lugares*, Pierre Nora (1993), contribui com uma visão crítica acerca das questões referentes à Memória Social, que problematiza a questão considerando o fenômeno da mundialização. Ele afirma que:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais

meios de memória (p. 07)

A memória, ao unir presente, passado e futuro de forma dialética, segundo Jodelet (2002), aparece como uma possibilidade de garantir o desenvolvimento sem ruptura brutal. Ao permitir que o presente encontre uma fundamentação naquilo que aconteceu antes, com base simbólica e material, a memória opera como um fio condutor entre gerações.

A autora afirma que desenvolvimento e temporalidade se apresentam como aspectos indissociáveis e conflituosos uma vez que, ao pensarmos em desenvolvimento, o futuro se impõe. Seguindo essa lógica, o futuro é aquilo que orienta o presente. Sendo assim, a autora reflete sobre a necessidade da promoção de um desenvolvimento que não se ancore num movimento de destruição e alienação.

A necessidade de uma base social para a memória, apoiada na interação entre indivíduos é apresentada por Halbwachs (2006). A pertença a um grupo é o que permite que a memória seja adquirida, localizada e evocada, ou seja, como discutem Schmidt e Mahfoud (1993), “a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso” (p. 288).

Para o sociólogo, a memória acontece num dado espaço, elemento definido por ele como a materialização da uma realidade, então “não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda” (Halbwachs, 2006, p. 170). Assim, Schmidt e Mahfoud (1993) ressaltam que há quadros de referência espaço-temporais que permitem a localização da lembrança.

É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa

atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça. (Halbwachs, 2006, p. 170)

A memória se apresenta como um profundo eixo de ligação entre os grupos e indivíduos não apenas entre si, mas com e os espaços onde vivem. Esses espaços podem ser tanto privados como públicos, no caso da cidade, e as relações se estabelecem através de seus usos, afetos e experiências. Para Gondim (2001), é a atualização dessas experiências passadas que, ao nos serem apresentadas, passam a fazer parte de nós. Assim, a memória não se baseia exclusivamente numa atividade intelectual, mas nos atravessa também por aquilo que sentimos. Pollak (1992) considera a memória necessária para as noções de continuidade e coerência tão importantes para a constituição das identidades individuais e coletivas.

Ao explicar a importante relação entre memória e identidades individuais e coletivas, Jelin (2001) lembra que “el núcleo de cualquier identidad individual o grupal está ligado a um sentido de permanencia (de ser uno mismo, de mismidad) a lo largo del tiempo y del espacio” (p. 07). Assim, podemos observar que o espaço também é responsável pela configuração dessas identidades.

Num texto intitulado *Memória e Identidade Social*, Pollak (1992) esclarece que há três elementos em torno dos quais a memória se organiza, que podem fazer parte de experiências vividas pela própria pessoa ou transmitidas por outros. Esses elementos são: acontecimentos, pessoas ou personagens e lugares:

“Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu

muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração (p. 202)

A memória, então, ocupa lugar importantíssimo no estudo tanto dos lugares quanto da experiência uma vez que é no espaço que se materializa e está presente nas narrativas.

2.3 Fortaleza e o centro: histórias entrelaçadas do bairro, da cidade e do mundo

Fortaleza não se diferencia das grandes metrópoles mundiais pela extensão, população, problemas ambientais e sociais e, inclusive, constitui-se numa cidade-produto relevante no cenário nacional pelo seu potencial turístico e econômico. Ao passar por um intenso processo de verticalização e especulação imobiliária, destitui-se, em decorrência dos interesses políticos e de mercado, de muito do seu potencial patrimonial e ambiental.

A constituição de Fortaleza enquanto urbe é recente, tendo a data de sua fundação em 1649 e sendo elevada à condição de vila apenas em 1726. Gondim (2001) afirma que, no entanto, o patrimônio que possui é referente ao período no qual a cidade passa a desempenhar um papel na importação e exportação do algodão e, conseqüentemente, a ganhar expressão como aglomerado urbano: “Os poucos vestígios materiais que poderiam servir de âncoras para nossas lembranças – monumentos, arquitetura, mobiliário ou mesmo arquivos – datam, via de regra, de meados do século XIX ou início do século XX” (p. 187).

A autora chama atenção para Fortaleza enquanto cidade permeada de transformações fundamentais tanto no espaço quanto no perfil socioeconômico. Além da própria história ser

recente, a maior parte dos habitantes, seja desta ou da geração anterior, tem origem em outros lugares, constituindo-se assim uma cidade de migrantes. Desde a seca de 1877, Fortaleza se tornou um polo de retirantes e daqueles que aqui se estabeleciam em busca de melhores oportunidades de vida.

Sobre a história mais recente da cidade, Paiva (2005) aponta que, acompanhando um movimento vivenciado pela maioria das capitais brasileiras e por muitas metrópoles do mundo, a cidade sofreu profundas transformações que tiveram início na década de 1970. Esse momento é marcante não apenas para o bairro como para a cidade por haver uma modificação no seu valor de uso e de troca em decorrência do surgimento de outras centralidades. Passa a haver uma formação de novos subcentros autossuficientes pela cidade, como um movimento em direção ao bairro da Aldeota. Como exemplo, pode-se citar a inauguração, em 1974, do shopping Center Um e o surgimento de novos bairros residenciais para camadas de alta renda.

Outro importante fator a ser levado em consideração nessa perda de centralidade são as mudanças de centros administrativos para regiões periféricas da cidade. Paiva (2005) afirma não ser suficiente a justificativa de uma falta de estrutura que comporte a necessidade da administração pública uma vez que o bairro “tem conotação simbólica inerente ao exercício das práticas políticas” (p. 74).

O autor também aponta a existência de um mito da modernidade na cidade, onde há uma constante necessidade de alterar a paisagem urbana com o objetivo de torná-la moderna. Com a participação do estado, as práticas políticas e econômicas apontam para um elemento simbólico na história urbana da cidade que corrobora não apenas com práticas de demolição do patrimônio histórico e cultural, mas também com o abandono deste, o que se materializa na deterioração da estrutura física.

A história da preservação urbana de Fortaleza é marcada fortemente pela tentativa de

criar o "novo" em detrimento da conservação do "antigo". No discurso das elites políticas e intelectuais locais, o novo é visto como sinônimo de "progresso e modernidade". Neste sentido, os espaços são constantemente modificados e até mesmo destruídos (Oriá, 2002, p. 255).

É levando em consideração aquilo trazido por Pais apud Barreira (2007), que estudar o centro de Fortaleza pode constituir-se também numa forma de compreender não apenas o bairro como a cidade em si incluindo, fundamentalmente, as relações que seus habitantes estabelecem com os lugares e as suas transformações:

O bairro, como lugar expressivo de práticas sociais, permite ultrapassar a lógica linear de certas generalizações, atentando para situações mais densas e contraditórias vivenciadas no cotidiano da cidade. Cotidiano permeado de ações insurgentes, rotinas e modos de apreender a cidade, nem sempre cabíveis nos modelos convencionais de observação da realidade." (p. 166)

Uma vez que aquele espaço urbano se constitui num lócus de importantes transformações, lançar o olhar sobre os sentidos revelados nas práticas cotidianas da cidade se faz necessário para a compreensão dos desdobramentos dessas transformações nas vidas dos habitantes.

3 Sobre experiência e narrativa na cidade

3.1 Experiência e narrativa: algumas considerações iniciais

Num célebre ensaio intitulado “Experiência e pobreza”, Walter Benjamin (2012) problematiza a experiência humana no contexto referido e a define: é pobre. O dito homem contemporâneo aparece como pautado numa superfície que o afasta de experiências transformadoras uma vez que a vida resume-se ao cansaço de uma existência cômoda e pouco centrada nos sentidos que podem ser atribuídos a ela.

Com as modificações sociais oriundas das mudanças nas relações de produção e trabalho, a capacidade de experienciar o mundo assim como de transmitir o que é vivido se modificou. Para o autor, a nossa "pobreza de experiências" aponta para um estado de barbárie onde predomina uma certa necessidade de enfrentamento do mundo, e esse enfrentamento é quase sempre constante e vazio uma vez que abandona as referências ao passado.

Essa dimensão vivencial na qual se insere a experiência é abordada por Bondía (2002), onde esta pode ser definida como "o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (p. 21). Dessa forma, o que interessa, quando se trata da experiência humana, é a capacidade que ela tem de formação ou transformação de um sujeito que está aberto para entregar-se à possibilidade de viver algo capaz de transformá-lo “com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco” (p. 25).

Torna-se importante destacar que, para que a experiência nos aconteça, a pausa é necessária. Assim, o sujeito de experiência precisa de uma passividade que não se constitui no binarismo ativo-passivo, mas “de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade

fundamental, como uma abertura essencial” (Bondía, 2002, p. 24).

Tal padecimento em relação à experiência parece ser cada vez mais raro, quando constatamos um modelo de sociedade em que tudo acontece a todo momento, passando a ser, paradoxalmente, cada vez mais difícil de acontecer a experiência, como bem enfatiza Bondía (2002): "Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara" (p. 21). Nos referimos a algo que, efetivamente, nos transforme um pouco ao passo que nos atravessa.

Ao tecer uma análise tanto do campo artístico quanto científico, Benjamin (2012) ressalta um investimento incessante na mobilização orientada para a "transformação da realidade", porém essa transformação não é orientada para a descrição da experiência. Nas artes, por exemplo, haveria uma intensa preocupação com uma inovação oriunda de um caráter individual, descontextualizado e pouco preocupado com a interioridade.

As mudanças mencionadas no campo artístico se alargam para diversas áreas como no caso da arquitetura, onde materiais como o aço e o vidro passam a ser largamente utilizados nos projetos. Isso reflete uma maior rigidez e padronização nas construções, onde modificações passam a ser mais difíceis de acontecer. O vidro, por exemplo, por ser um material rígido, frio e extremamente liso, impede alterações e afasta as marcas do tempo:

Não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio. As coisas de vidro não têm aura nenhuma. O vidro é em geral o inimigo do mistério. É também o inimigo da propriedade. O grande romancista André Gide disse certa vez: cada coisa que possuo se torna opaca para mim. (Benjamin, 2012, p. 117)

Ao indagar sobre a relação entre as alterações fundamentais no ambiente construído

e na coletividade, Benjamin (2012) enfatiza as transformações provenientes desse uso e ressalta a fragilidade não só do material como também da sociedade: "O novo ambiente de vidro mudará completamente os homens. Deve-se apenas esperar que a nova cultura de vidro não encontre muitos adversários." (p.118).

Para Benjamin (2012), a transmissão da experiência humana se dá através da capacidade de narrar, sendo a experiência passada de pessoa a pessoa a fonte a qual os narradores recorrem. As próprias narrativas escritas se tornam melhores à medida que se assemelham às histórias orais transmitidas por narradores anônimos. O narrador, figura que comunica ensinamentos através da fala, se distancia progressivamente da nossa realidade. A causa apontada para isso é o declínio das ações da própria experiência, caminhando para o desaparecimento de seu valor:

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (p.196)

A narrativa procede da tradição oral e a alimenta. O narrador exercita a sua capacidade de retirar da sua própria experiência ou das dos outros aquilo que conta, incorporando à experiência daqueles que o ouvem. A partir disso, a natureza da narrativa está associada a uma "dimensão utilitária" onde predomina um ensinamento de ordem moral: o conselho. A prática de dar e receber conselhos pressupõe uma comunicabilidade das experiências. Em virtude da dificuldade que se estabeleceu no campo da experiência e, conseqüentemente, da narrativa, é que dar e receber conselhos, para Benjamin (2012), se

tornou uma prática tão antiquada, obsoleta e incômoda.

O conselho tecido na substância viva da existência tem o nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um "sintoma de decadência" ou uma característica "moderna". Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas. (Benjamin, 2012, p. 201)

A narrativa se constrói de forma diferente dos romances: Benjamin (2012) discute que o romance, além de estar essencialmente vinculado aos livros, não tem sua origem na oralidade e só pôde se difundir com a chegada da imprensa. A informação, outra forma de comunicação, passa a ser a principal responsável pelo declínio da narrativa uma vez que seu campo comunicacional apresenta dados rápidos acompanhados de explicações prontas. O tempo acelerado, tão distanciador das experiências autênticas, passa a marcar a necessidade de informações cada vez mais amplas e precisas. Ao passo que aquilo que é narrado atinge uma amplitude pela necessidade de interpretação da história.

O saber, que vinha de longe - do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição -, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. Mas a informação aspira a uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser compreensível "em si e para si". (Benjamin, 2012, p. 202)

A informação, segundo Bondía (2002), pode ser pensada como uma “antiexperiência” por atuar de forma a impedir a experiência em si. A informação se esgota em si mesma e orienta o sujeito para uma busca incessante onde há necessidade constante e inesgotável de atualização, elementos tão largamente discutidos sobre a dita “sociedade de informação”. Nesse caso, a informação não caminha para o “saber-sábio” da sabedoria, mas aquele orientado para o consumo rápido de algo que já está pronto e que não necessariamente nos afeta. Assim, segundo o autor, é necessário separar a *experiência* da *informação* e também do *saber de experiência*.

Se, para Bondía (2002), o sujeito da experiência é comparado a um território de passagem e constitui-se num campo onde é diretamente afetado por aquilo que sente assim como inscreve na realidade suas marcas e, nesse continuum, se forma, podemos estabelecer relações entre a experiência e Psicologia Ambiental. Na relação humano-ambiental, por exemplo, o ambiente e o homem se constituem em complementaridade, não numa relação de causa e efeito, mas numa dinâmica global e constante.

O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. O sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. O sujeito da experiência é, sobretudo, um espaço onde têm lugar os acontecimentos. O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (Bondía, 2002, p.24)

A aceleração do tempo moderno possibilita a perda da conexão significativa entre acontecimentos, e a memória passa a existir com maior dificuldade em decorrência do rápido apagamento daqueles vestígios resultantes das substituições velozes de um acontecimento por outro. Para Bondía (2002), o excesso do trabalho, elemento dito fundante da nobreza humana, em tempos fugazes onde tudo vira mercadoria - inclusive o próprio tempo - também passa a ser um expropriador de experiência:

Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. (p. 23)

Em um trabalho realizado em comunidades tradicionais sobre fenômenos propícios à transmissão e à elaboração da experiência pessoal e coletiva, Schmidt e Mahfoud (1993) partem de uma concepção de experiência onde a memória tem caráter de centralidade. Os autores afirmam que a elaboração e a transmissão da experiência estão intrinsecamente ligadas ao trabalho da memória. “De fato, experiência é memória, enquanto capacidade de recordar e de evocar, que constitui um enriquecimento de saberes; é ainda, presença ativa do passado em nós, como dinamismo e princípio de ação.” (p. 295)

Conforme apontado por Halbwachs (2006), a memória se constitui numa base social onde as pessoas estão inseridas e habitadas por grupos de referência. Porém, o indivíduo que recorda o faz a partir de um trabalho empreendido por ele mesmo a partir das suas experiências e história de vida: daí a importância da experiência para o trabalho da memória social. Assim, conforme apontado por Schmidt e Mahfoud (1993), “a elaboração da experiência pode ser entendida como um processo de diálogo entre diferentes pontos de vista

atuais e passados que, de alguma forma, estão presentes para o indivíduo” (p. 295).

Mais uma vez, a importância do trabalho da narrativa se apresenta ao considerarmos a capacidade de apreensão tanto do campo da experiência quanto da memória devido ao caráter de pluralidade e abertura da narrativa que é, ao mesmo tempo, singular e plural. A importância maior se dá, segundo Schmidt e Mahfoud (1993), “principalmente, porque se apreende o modo como a experiência do indivíduo é modulada, matizada, dentro daquele quadro social.” (p. 295)

3.2 A cidade e experiência: a relação humano-ambiental nas narrativas

A cidade se apresenta como um importante campo de estudo da experiência uma vez que serve como território onde se dão as relações afetivas, comunitárias, familiares, de mercado e consumo. É nesse espaço que acontecem as relações sociais e onde as pessoas imprimem suas marcas no decorrer do tempo.

As cidades, assim, constituem-se num *locus* de poder onde seus espaços passaram a ser construídos a partir da imagem humana conforme apontado por Sennett (2003). Porém, “também foi nelas que essas imagens se estilhaçaram, no contexto de agrupamentos de pessoas diferentes — fator de intensificação da complexidade social — e que se apresentam umas às outras como estranhas” (p. 24).

O autor afirma que a experiência urbana é atravessada por aspectos como diferença, complexidade e estranheza, que são sustentados como uma resistência à dominação. “Essa geografia urbana, difícil e surpreendente, é que nos acena com uma promessa específica, baseada em valores morais, e pode abrigar os que se sentem como exilados do Paraíso.” (Sennet, 2003, p. 24)

O mesmo autor, na obra *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade* (2004), ao denominar o período em que vivemos como “alta modernidade”, no qual a sociedade passaria a adotar formas efêmeras e transitórias de se relacionar social e economicamente, ressalta que existe uma inclinação para o individualismo. Assim, o urbano passaria a ser demarcado como um lugar de indiferença pessoal.

As cidades pós-modernas, aderindo ao paradigma da cidade global, são discutidas por Bomfim (2010) como espaços onde não negadas as “possibilidades da experiência humana, quando os lugares transformam-se em espaços sem identificação, desprovidos de significados” (p. 39).

Apesar de considerarmos as questões referentes à contemporaneidade, Simmel (1979) já apontava, desde as sociedades industriais, um contexto onde a cidade se apresentava como espaço onde as relações sociais se davam de forma distanciada. Esse comportamento era denominado por ele como *atitude blasé*, onde predominava um “modo de vida urbano que gera um caráter mais racional, menos afetivo e mais utilitarista” (Bomfim, 2010, p.37)

Assim, o tipo metropolitano de homem — que, naturalmente, existe em mil variantes individuais — desenvolve um órgão que o protege das correntes e discrepâncias ameaçadoras de sua ambientação externa, as quais, do contrário, o desenraizariam. Ele reage com a cabeça, ao invés de com o coração. Nisto, uma conscientização crescente vai assumindo a prerrogativa do psíquico. A vida metropolitana, assim, implica uma consciência elevada e uma predominância da inteligência no homem metropolitano. (Simmel, 1979, p.12)

A *atitude blasé* descrita pelo autor possui também origem em modos de se relacionar

com o mundo pautados no dinheiro, onde os objetos passam a ser percebidos de uma forma diferente. Essa percepção dos objetos se daria através de um “embotamento do poder de discriminar” (p. 15) os significados e valores que diferenciam as coisas. Assim, tudo passaria a ser distinguido considerando exclusivamente termos quantitativos como podemos ver no trecho: “O dinheiro, com toda sua ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores; arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade” (p. 15).

O autor atribui ao homem moderno uma forma calculista de viver oriunda da relação estabelecida com o dinheiro. Para ele, isso corresponderia “ao ideal da ciência natural: transformar o mundo num problema aritmético, dispor todas as partes do mundo por meio de fórmulas matemáticas” (p.13). Assim, capital e racionalidade se entrelaçariam na estruturação da *atitude blasé*.

Assim como Simmel, no início do século XX, Benjamin (2012), conforme apontado por Dimenstein e Scocuglia (2017), também já discutia “as transformações no comportamento e na sensibilidade dos cidadãos promovida pelas novas formas de vida nas grandes cidades marcadas pelo cálculo, pelas novas tecnologias e pela efemeridade das relações” (p. 418).

A figura do *flâneur*, personagem de Charles Baudelaire, passa a ser a representação trazida por Benjamin para materializar uma procura no sentido de “experimentar ao máximo a cidade que viria a ser transformada, observando enquanto caminhava tranquilamente pelas ruas ao redor das multidões, apreendendo cada detalhe, sem ser notado, sem se inserir na paisagem” (Dimenstein e Scocuglia, 2017, p. 421).

Ao analisar a experiência urbana em sua relação com a literatura brasileira contemporânea, Germano (2009) considera o sentido penoso de viver na metrópole contido nas narrativas dos autores estudados e questiona a possibilidade de leitura e comunicação da

experiência urbana contemporânea numa época onde se presencia uma perda de certezas, a intensificação da presentificação do tempo e onde indaga-se sobre as possibilidades da narrativa:

Pois a vida nas grandes cidades em grande parte do mundo contemporâneo partilha formas de subjetivação e sociabilidades semelhantes - forjadas pela propaganda, pelos meios audiovisuais, pelos shopping centers, pelo consumo (ou a impossibilidade do consumo) de marcas internacionais padronizadas - que acenam para uma vivência esvaziada do tempo e do espaço. (p. 427)

Para que se possa acessar e empreender um estudo acerca da experiência na cidade de Fortaleza, a narrativa se apresenta como intrínseca a este processo uma vez que aparece como uma forma de expressar, organizar e transmitir a experiência. Assim, a narrativa:

tem, pois, um duplo caráter em termos cognoscitivos: de um lado, corresponde a uma forma de conhecimento racional, da parte de um sujeito consciente que descreve, relata e organiza com pretensa objetividade acontecimentos vividos por ele ou dos quais ele tenha conhecimento; de outro, a narrativa corresponde, em boa medida, a uma forma de conhecimento não consciente, que estrutura-se ao sabor dos mais variados elementos da experiência do sujeito, onde cada elemento destacado obscurece (mas não elimina) uma região da experiência que lhe é aparentada o que constitui, como vimos, a opacidade própria da experiência e da operação narrativa. (Barbosa, 2003, p. 75)

4 O método: Uma Análise de Conteúdo das narrativas sobre a cidade

Considerando a necessidade de uma abordagem de pesquisa onde as singularidades dos participantes, a partir das particularidades das suas próprias experiências e histórias individuais, ocupem lugar de centralidade, o caráter eminentemente qualitativo desta pesquisa se apresenta através da utilização de entrevistas narrativas como método de coleta de dados.

As entrevistas narrativas constituem-se num método potente para o aprofundamento das questões em investigação por permitirem “a combinação de histórias de vida com contextos sócio-históricos” (Muylaert et al, 2014, p. 193). A partir dos discursos individuais, a técnica das entrevistas narrativas pode evidenciar questões pouco conhecidas da sociedade. Ao produzirem pontos de conexão entre as histórias dos participantes e a história recente da cidade, abrimos o campo de possibilidades para a comunicação cotidiana de contar e ouvir histórias.

Realizou-se o estudo com seis idosos, sendo três homens e três mulheres, que estabelecem relações significativas com o Centro de Fortaleza desde a década de 70, período em que a região começa a passar por maiores transformações urbanas. A relação significativa com o bairro, nesta pesquisa, circunscreveu a moradia naquela região da cidade no período citado anteriormente. Assim, os idosos não precisaram estar morando no bairro atualmente, mas deveriam ter residido naquele ambiente nas últimas quatro décadas.

Os participantes foram encontrados a partir de contatos pessoais e de indicações de amigos. A questão deflagradora elaborada para disparar as entrevistas narrativas foi: “A partir da sua vivência, como morador do centro de Fortaleza, como a senhora/o senhor sente as mudanças sofridas pelo bairro nos últimos 40 anos?”. As entrevistas foram realizadas individualmente, nos meses de junho e julho de 2018, nas residências dos participantes e de

acordo com sua disponibilidade.

O projeto para elaboração deste estudo foi submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP – da Unifor, sendo aprovado sob o Parecer Consubstanciado N° 2.585.410 (em anexo). Apenas com a anuência do Comitê de Ética, conforme documentação apresentada para a instituição, as entrevistas foram realizadas. Após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (em anexo), as entrevistas, com autorização dos participantes, foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Na discussão dos resultados, os participantes aparecem identificados pois não se opuseram a ter os nomes reais divulgados no estudo. A autorização consta nos TCLE's assinados.

Para analisar os dados obtidos, optou-se pela Análise de Conteúdo - AC - proposta por Bardin (1977). A autora define a AC como:

... um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

De acordo com Bardin (2011), as etapas para realizar a análise são: 1) pré-análise, 2) exploração do material, 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Num artigo sobre a aplicação da técnica de Bardin para Análise de Conteúdo de dados qualitativos, Silva e Fossá (2015) condensaram o método de análise em algumas fases:

- 1) leitura geral do material coletado (entrevistas e documentos);
- 2) codificação para a formulação de categorias de análise, utilizando o quadro

referencial teórico e as indicações trazidas pela leitura em geral;

3) recorte do material, em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos) comparáveis e com o mesmo conteúdo semântico;

4) estabelecimento de categorias que se diferenciam, tematicamente, nas unidades de registro (passagem de dados brutos para dados organizados). A formulação dessas categorias segue os princípios da exclusão mútua (entre categorias), da homogeneidade (dentro das categorias), da pertinência na mensagem transmitida (não distorção), da fertilidade (para as inferências) e da objetividade (compreensão e clareza);

5) agrupamento das unidades de registro em categorias comuns;

6) agrupamento progressivo das categorias (iniciais - intermediárias – finais);

7) inferência e interpretação, respaldadas no referencial teórico.

Então, foi através da categorização proposta pela Análise de Conteúdo, em conjunto com a articulação teórica, que buscou-se compreender as experiências e relações que idosos, habitantes da cidade de Fortaleza, que moram ou moraram no Centro a partir da década de 70, estabelecem com o bairro e, conseqüentemente, com a cidade diante das transformações ocorridas na região.

Para a análise das entrevistas realizadas, atendendo aos objetivos geral e específicos propostos inicialmente, após a leitura flutuante do material coletado e releitura do referencial teórico, estabeleceu-se que as unidades de registro se dariam em torno das diversas transformações do bairro trazidas no discurso dos participantes. A decisão se deu por considerar-se a necessidade de alcançar a um dos três objetivos específicos da pesquisa e, a partir daí, relacionar as mudanças do bairro com as histórias de vida dos entrevistados e os processos psicossociais presentes nos discursos.

5 Resultados e discussão: O que dizem as narrativas

A partir do descrito no método de análise dos dados, tópico 4 do presente trabalho, os resultados das categorias encontradas serão apresentados e discutidos aqui. Com o objetivo de esclarecer o processo de identificação das categorias antes de discutir os dados encontrados, o subtópico 5.1 foi criado. Na etapa seguinte, subtópico 5.2, apresenta-se a discussão de cada categoria final encontrada.

5.1 O percurso de identificação das categorias

Conforme o método de análise, que parte da identificação de categorias iniciais para o agrupamento em intermediárias e, posteriormente, em finais, iniciamos aqui a descrição do percurso realizado. As categorias iniciais configuram-se como as primeiras impressões sobre os dados encontrados. Assim, 18 categorias iniciais foram traçadas conforme apresentado no quadro a seguir:

Categorias iniciais	
1. Comércio	10. Sentimento de segurança/insegurança
2. Instituições Públicas	11. Violência
3. Lazer e vivência do espaço público	12. Mobilidade
4. Cinemas	13. Trânsito
5. Igreja	14. Acesso aos serviços: escolas, bancos e hospitais

6. Festas	15. Ambiente
7. Habitação	16. Patrimônio/Memória
8. Laços de vizinhança	17. Valorização/desvalorização da terra e dos imóveis
9. Relação das famílias com a rua	18. Intervenções do poder público

Quadro 1 - Categorias iniciais. Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Para que se pudesse prosseguir a análise dos dados, o agrupamento das categorias iniciais em categorias intermediárias de acordo com a aproximação dos conceitos norteadores aconteceu. Câmara (2013) ressalta a necessidade de interpretar os dados obtidos “sempre no sentido de buscar o que se esconde sob a aparente realidade, o que significa verdadeiramente o discurso enunciado, o que querem dizer, em profundidade, certas afirmações, aparentemente superficiais” (p. 189).

As categorias escolhidas estão baseadas nas narrativas dos participantes, no referencial teórico e também atravessadas pela subjetividade da pesquisadora conforme abordado em:

Durante a interpretação dos dados, é preciso voltar atentamente aos marcos teóricos, pertinentes à investigação, pois eles dão o embasamento e as perspectivas significativas para o estudo. A relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica, é que dará sentido à interpretação. (Câmara, 2013, p. 189)

Assim, as 18 categorias iniciais foram se organizando em blocos de oito categorias intermediárias: Mudanças na presença e tipos de organizações comerciais e públicas no

Centro; Mudanças no uso do espaço público, atividades de lazer, cultura e práticas religiosas no Centro; Mudanças nas formas de moradia, vizinhança, e relação entre casa e rua no Centro; Mudanças no sentimento de segurança e da violência no Centro; Mudanças nas formas de deslocamento e do trânsito no Centro; Mudanças na presença e acesso aos serviços no Centro; Mudanças ambientais e patrimoniais do Centro; Mudanças na valorização/desvalorização dos imóveis e intervenções das gestões públicas no Centro.

Essas categorias intermediárias foram agrupadas para a formação de outras cinco categorias finais a serem discutidas. É importante ressaltar que duas das categorias intermediárias formadas já se configuraram como finais conforme veremos nos quadros a seguir.

Os agrupamentos das categorias iniciais em intermediárias, assim como das intermediárias em finais, se deram em decorrência da aproximação dos conceitos norteadores apresentados em cada quadro ilustrativo. O segundo quadro a ser apresentado ilustra o começo da construção do processo:

Categoria Inicial	Conceito Norteador	Categoria Intermediária
1. Comércio	Transformações referentes às atividades comerciais no bairro.	I – Mudanças na presença e tipos de organizações comerciais e públicas no Centro.
2. Instituições públicas	Transformações referentes à presença de bancos e instituições da administração pública no bairro.	

Quadro 2 - Categoria Intermediária I. Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As categorias iniciais “Comércio” e “Instituições públicas” se apresentam próximas

em seus conceitos norteadores por apresentarem formas oficiais de presença de organizações no bairro. Juntas, elas conformam a categoria intermediária I intitulada “Mudanças na presença e tipos de organizações comerciais e públicas no Centro”.

Categoria Inicial	Conceito Norteador	Categoria Intermediária
3. Lazer e vivência do espaço público	Transformações referentes à vivência dos espaços públicos e lazer no bairro.	II – Mudanças no uso do espaço público, atividades de lazer, cultura e práticas religiosas no Centro.
4. Cinemas	Transformações referentes ao uso e presença dos cinemas de rua no bairro.	
5. Igreja	Transformações referentes à ida aos espaços religiosos nos finais de semana.	
6. Festas	Transformações referentes às festas no bairro.	

Quadro 3 - Categoria Intermediária II. Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O quadro 3 apresenta a junção das categorias “Lazer e vivência do espaço público”, “Cinemas”, “Igreja” e “Festas” formando a categoria intermediária II - Mudanças no uso do espaço público, atividades de lazer, cultura e práticas religiosas no Centro. Esses conceitos norteadores foram agrupados por se referirem a usos do bairro associados aos finais de semana e feriados que apareceram quase na totalidade das narrativas como esferas que sofreram intensas transformações.

Conforme se apresenta nos quadros 4 e 5, as categorias intermediárias III e IV já se

configuram, separadamente, como a base para duas categorias finais. No entanto, receberão nomes diferentes posteriormente.

Categoria Inicial	Conceito Norteador	Categoria Intermediária/Final
7. Habitação	Transformações referentes à permanência e formas de habitação no bairro.	III – Mudanças nas formas de moradia, vizinhança, e relação entre casa e rua no Centro.
8. Laços de vizinhança	Transformações referentes às formas de sociabilidade no bairro.	
9. Relação das famílias com a rua	Transformações referentes às relações estabelecidas entre as famílias residentes no bairro com a rua de modo geral.	

Quadro 4 – Categoria Intermediária III. Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A categoria intermediária III, representada no quadro acima, parte das categorias iniciais “Habitação”, “Laços de vizinhança” e “Relação das famílias com a rua”. Os conceitos norteadores que as envolvem tratam mais especificamente das transformações da moradia no Centro, o tecido social que a abarca e as mudanças referentes a esse aspecto.

Categoria Inicial	Conceito Norteador	Categoria Intermediária/Final
10. Sentimento de segurança/insegurança	Transformações referentes à sensação de segurança e insegurança no bairro.	IV – Mudanças no sentimento de segurança e da violência no Centro.
11. Violência	Transformações referentes à situações de violência no bairro.	

Quadro 5 – Categoria Intermediária V/Final. Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As transformações concernentes aos aspectos relativos às situações de violência vividas e aos sentimentos de segurança e insegurança experimentados pelos participantes formam a categoria apresentada no quadro anterior.

Categoria Inicial	Conceito Norteador	Categoria Intermediária
12. Mobilidade	Transformações referentes à mobilidade no bairro.	V – Mudanças nas formas de deslocamento e do trânsito no Centro.
13. Trânsito	Transformações referentes ao trânsito no bairro.	

Quadro 6 – Categoria Intermediária V. Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As categorias iniciais “Mobilidade” e “Trânsito”, com seus conceitos voltados para as mudanças relativas às transformações tanto nas formas de deslocamento no bairro quanto ao trânsito de veículos conformam a categoria intermediária V apresentada no Quadro 6.

O acesso, no Centro, a serviços como escolas, bancos e hospitais aparece representado na categoria inicial 14, que enfoca as transformações desse aspecto e gera a categoria intermediária VI:

Categoria Inicial	Conceito Norteador	Categoria Intermediária
14. Acesso aos serviços: escolas, bancos e hospitais	Transformações referentes à presença e acesso aos serviços no bairro.	VI – Mudanças na presença e acesso aos serviços no Centro.

Quadro 7 – Categoria Intermediária VI. Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A categoria intermediária VII, que se refere às mudanças ambientais e patrimoniais do bairro se formou a partir da junção das categorias iniciais “Ambiente” e “Patrimônio/Memória”. As duas se referem às transformações dos aspectos patrimoniais e da Memória social do Centro assim como do ambiente como um todo, incluindo as mudanças das questões naturais do espaço.

Categoria Inicial	Conceito Norteador	Categoria Intermediária
15. Ambiente	Transformações referentes ao ambiente natural, construído e social do bairro.	VII – Mudanças ambientais e patrimoniais do Centro.
16. Patrimônio/Memória	Transformações referentes à presença do patrimônio material no bairro.	

Quadro 8 – Categoria Intermediária VII. Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os aspectos referentes à valorização e desvalorização da terra e dos imóveis do bairro assim como as intervenções realizadas ou não pelo poder público origina a categoria intermediária VIII, intitulada “Mudanças na valorização/desvalorização dos imóveis e intervenções das gestões públicas no Centro”, como podemos ver no quadro 9:

Categoria Inicial	Conceito Norteador	Categoria Intermediária
17. Valorização/desvalorização da terra e dos imóveis	Transformações referentes aos processos de valorização e desvalorização da terra e dos imóveis no bairro.	VIII – Mudanças na valorização/desvalorização dos imóveis e intervenções das gestões públicas no Centro.
18. Intervenções do poder público	Transformações referentes às intervenções do poder público no bairro.	

Quadro 9 – Categoria Intermediária VIII. Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As categorias intermediárias, formadas a partir da aproximação dos conceitos das categorias iniciais, também passaram por um agrupamento de acordo com os aspectos que abordavam. Assim, o mesmo processo realizado com as categorias iniciais para obtenção das intermediárias se repetiu na formação das categorias finais. Ou seja, conforme método utilizado por Baquit (2017), “é importante enaltecer que as categorias finais representam a síntese das significações identificadas ao longo da pesquisa” (p. 83).

É importante ressaltar que esse agrupamento não aconteceu com as categorias intermediárias III e IV respectivamente nomeadas como “Mudanças nas formas de moradia, vizinhança, e relação entre casa e rua no Centro” e “Mudanças no sentimento de segurança e da violência no Centro” tanto por apresentarem especificidades que as faziam serem

consideradas categorias relevantes quanto por não se aproximarem tanto dos conceitos das demais justificando uma fusão com qualquer outra.

Apesar disso, as cinco categorias finais formadas, que serão discutidas posteriormente, no próximo capítulo, se encontram e se atravessam em muitos momentos, assim como a realidade social, não representando elementos estáticos. Elas são utilizadas para melhor compreensão e discussão dos resultados, porém demarcam elementos que são construídos mutuamente.

As categorias intermediárias I e II, por tratarem especificamente de esferas ligadas à presença de órgãos do setor público, ao comércio e esses aparecerem nos discursos ligados às vivências de lazer no espaço público, optou-se por transformá-las na categoria final “Infelizmente o Centro acabou-se, né?” – O deslocamento para os shoppings.

A categoria intermediária III, nomeada “Mudanças nas formas de moradia, vizinhança, e relação entre casa e rua no Centro”, sozinha, por se tratar de um aspecto extremamente importante nas experiências dos participantes, gerou a categoria final “Eu mesmo não saio daqui, não” - Laços de vizinhança e apego ao lugar.

A mesma coisa aconteceu com a categoria intermediária IV, “Mudanças no sentimento de segurança e da violência no Centro”, por se tratar de um elemento que perpassa a relação humano-ambiental no contexto do bairro atualmente e que atravessa a vida na cidade como um todo. Essa categoria formou a categoria final “O tempo modifica tudo” - Sentimento de (in)segurança na relação com o bairro.

As categorias intermediárias V e VI, “Mudanças nas formas de deslocamento e do trânsito no Centro” e “Mudanças na presença e acesso aos serviços no Centro”, formaram a categoria final “Agora, no meio da rua ninguém pode andar” - Mobilidade e acesso aos serviços. por abordarem as significações referentes aos deslocamentos e uso de serviços no bairro.

A última categoria final, “Foi uma transformação muito acelerada” - Sobre a ambiência do Centro, foi construída a partir das categorias intermediárias VII e VIII por estar baseada nas mudanças ambientais como um todo incluindo a valorização/desvalorização dos imóveis e intervenções realizadas ou não pelo poder público. Elaborou-se um quadro com o resultado do processo de categorização que se encontra na página a seguir.

Categorias			
Iniciais	Intermediárias	Finais	
1. Comércio	I – Mudanças na presença e tipos de organizações comerciais e públicas no Centro.	“Infelizmente o Centro acabou-se, né?” – O deslocamento para os shoppings.	
2. Instituições Públicas			
3. Lazer e vivência do espaço público	II – Mudanças no uso do espaço público, atividades de lazer, cultura e práticas religiosas no Centro.		
4. Cinemas			
5. Igreja			
6. Festas			
7. Habitação	III – Mudanças nas formas de moradia, vizinhança, e relação entre casa e rua no Centro.	“Eu mesmo não saio daqui, não” - Laços de vizinhança e apego ao lugar.	
8. Laços de vizinhança			
9. Relação das famílias com a rua			
10. Sentimento de segurança/insegurança	IV – Mudanças no sentimento de segurança e da violência no Centro.	“O tempo modifica tudo” - Sentimento de (in)segurança na relação com o bairro.	
11. Violência			
12. Mobilidade	V – Mudanças nas formas de deslocamento e do trânsito no Centro.	“Agora, no meio da rua ninguém pode andar” - Mobilidade e acesso aos serviços.	
13. Trânsito			
14. Acesso aos serviços: escolas, bancos e hospitais	VI – Mudanças na presença e acesso aos serviços no Centro.		
15. Ambiente	VII – Mudanças ambientais e patrimoniais do Centro.		“Foi uma transformação muito acelerada” - Sobre a ambiência do Centro.
16. Patrimônio/Memória			
17. Valorização/desvalorização da terra e dos imóveis	VIII – Mudanças na valorização/desvalorização dos imóveis e intervenções das gestões públicas no Centro.		
18. Intervenções do poder público			

Quadro 10 – Ilustração geral do processo de formação das categorias. Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

5.2. A relação pessoa-ambiente através das categorias de análise encontradas

O processo de categorização dos dados obtidos através das entrevistas foi realizado para fins de análise, porém é importante esclarecer que as transformações principais que emergiram dos discursos dos participantes não se deram de forma isolada, mas surgiram e se intensificaram a partir umas das outras. As cinco categorias finais encontradas são discutidas nas próximas páginas.

5.2.1 “Infelizmente o Centro acabou-se, né?” – O deslocamento para os shoppings.

Antes do período de intensas transformações na cidade de Fortaleza, da década de 70 até a atualidade, o comércio do centro da cidade é relatado nas entrevistas como fazendo parte de uma região restrita do bairro, que era também espaço de habitação e lazer. Além das lojas de maior porte, direcionadas ao consumo das elites, havia apenas alguns pontos comerciais menores. Esses estabelecimentos aparecem inseridos numa dinâmica de escala local, vendendo produtos regionais e dirigidos para atender aos interesses direcionados à alimentação e utilidades domésticas. Podemos perceber isso nos seguintes trechos:

O único ponto comercial que tinha eram as bodegas, que a gente chamava antigamente, que era na 25 de Março. (Edice)

Mercearia antiga, de balcão de madeira, com aquelas coisas penduradas. Era o café, o arroz na saca, o açúcar na saca que vendiam com aquelas medidas de alumínio e era no quilo, né? Então era o sonho da gente de infância. (Edice)

Fortaleza começa, progressivamente, a partir da década de 70, a apresentar modificações importantes. A cidade inicia seu espraiamento no sentido leste, movimento prioritariamente realizado pelas famílias de maior poder aquisitivo e intensificado com a construção de centros comerciais em outras regiões da cidade. Como apontam Silva e Gonçalves (2012), “a morfologia urbana de Fortaleza passa por significativas mudanças, esse processo se torna mais evidente a partir da década de 1980, 1990, contudo observa-se precedentes significativos na década de 1970 (p.70).

Esse caminho percorrido pela cidade e, conseqüentemente, pelo Centro, aparece no discurso do Sr. Robério, morador do bairro desde a década de 60:

O problema é o seguinte: Quando eu comecei a morar na Vila, em 64, o Centro era muito movimentado porque não existia comércio nos bairros. Os bairros todos dependiam do Centro para compra, tudo convergia para o Centro. O movimento era grande, o movimento era grande no Centro. Com o crescimento de Fortaleza, o Centro foi diminuindo, né, a frequência. Porque os bairros viraram vida própria, né? Tem comércio. Hoje, você chega por aí e pronto, aí o Centro diminuiu muito. (Robério)

Considerando a estruturação urbana, a configuração de Fortaleza, antes ancorada no Centro tradicional, passa a abandonar uma única centralidade e começa fragmentar-se. “O setor terciário passou a se descentralizar pelo tecido urbano, resultou assim, na formação de

novas centralidades.” (Silva e Gonçalves, 2012, p. 74). A cidade passou, então, a ser policêntrica conforme podemos ver no trecho a seguir:

Do fim de sessenta pra setenta... Eu acho que o crescimento da cidade, né? Os bairros ficaram independentes, mais distantes, né? Os bairros distantes daqui eram Messejana e Parangaba. Messejana era bem pequenininha e Parangaba não tinha comércio próprio. Aí o pessoal vinha para o Centro... Aí fez crescer, né? Aí pronto. Essa zona oeste não tinha... Hoje não existe mais terreno nessa zona oeste, aí as pessoas vinham tudo pro Centro. Hoje a zona oeste, você chega ali no Pirambu, na Rua Dr. Teberge, o comércio é até doze horas da noite lá. Tem todo tipo de negócio, tem supermercado, tudo. O que é que a pessoa vem fazer no Centro se tem lá? Tem banco, tem tudo. Eu acho que foi o crescimento da cidade que... (Robério)

Dona Theresa, outra participante do estudo, morou no bairro a vida inteira e só recentemente mudou-se para outro local. É importante ressaltar que, apesar de ter acontecido uma migração para a região leste, principalmente pro bairro Aldeota, outras regiões da cidade também passaram a se fortalecer. Nesse caso, ela também cita a região oeste:

Depois as famílias foram saindo, saindo, foram vendendo. O comércio querendo, né? O comércio foi tomando, foi tomando, tomando e, de repente, quando você abriu o olho, já tava... Não tinha mais família nenhuma. A maioria foi pra Aldeota! Tudo era Aldeota, Aldeota, Aldeota. Bezerra de Menezes pra lá, muita gente foi pra ali também. (Theresa)

Outro fator que aparece marcante na fala de Dona Theresa é a conformação urbana pela vontade do capital que, através do comércio, passa a decidir, num movimento superficialmente espontâneo, o destino da cidade. Ao mesmo tempo que o comércio se fortalece e “invade” o Centro de Fortaleza, também se ramifica através do surgimento de outros pequenos centros de serviços e *shoppings centers*.

Essa interferência do comércio numa entrada massiva no bairro também aparece como uma forma de expulsão de algumas famílias do bairro. Para ela, aqueles que residiam em imóveis alugados, saíram por solicitação dos proprietários. Outros, a partir da saída de diversas famílias para outras regiões, decidiram migrar também:

Logo depois o pessoal foi saindo e... Tinha que sair porque o dono queria vender pra fazer comércio, né? O comércio é perene, o povo da casa de comércio... Aí a criatura tinha que sair, tinha prazo, né? Aí aproveitava e comprava logo, né, já que ia sair do alugado... Comprava o seu teto. Aí foi saindo, foi saindo... Aquela Duque de Caxias ali, a família Cabral, o Seu Raimundo era colega do banco, morava do lado de lá, assim, logo ali onde era a Apiguana. Era ali, a Apiguana tomou tudo, né? Dr morava na esquina de lá e Bete era em cima da Apiguana. A casa dele era um bangalô bonitinho, viu? Antigamente chama bancalô. (Theresa)

As transformações que se referem às habitações no bairro serão discutidas na próxima categoria de análise, porém, como se relaciona de forma indissociável ao movimento comercial do bairro, é importante que se demonstre essa relação de complementaridade aqui, evidente também na fala a seguir:

O que mudou mais que eu também noto é problema residencial. O Centro era totalmente residencial, tinha comércio, mas tinha... Aqui, a Pedro Pereira, a Pedro Primeiro, tudo era residência! A Visconde do Rio Branco, a Conde D'Eu, Governador Sampaio, tudo era residência! Aí foram diminuindo e hoje, praticamente, o que é que tem? É a Vila Romero! No Centro mesmo. Da Dom Manoel até a Imperador e da Duque de Caxias até a Senador Jaguaribe, é só comércio, não tem mais residência! (Robério)

Num estudo sobre a dispersão urbana no município de Fortaleza, Silva e Gonçalves (2012) enfatizam que esse elemento pode ser estudado a partir de duas escalas territoriais: a intra-urbana e a rede urbana. A primeira se refere ao crescimento da cidade baseado na formação de novas centralidades. Já a segunda se refere às transformações que incluem a região metropolitana, estabelecendo conexões regionais entre novos subcentros.

No referido trabalho dos autores, a ênfase se dá no âmbito das novas centralidades por considerar a relevância desse movimento em articulação com o surgimento e a intensificação da organização comercial nos shoppings e a sua influência na cidade como um todo, principalmente no Centro de Fortaleza.

A globalização apresenta sua face padronizante de serviços, comércio e cidades. Assim, Fortaleza e o Centro se reconfiguram influenciados por esse processo onde:

“A tendência dessa nova característica comercial de Fortaleza teve como consequências o aumento do número de shopping centers, que vem capturando do Centro da cidade e suas principais atribuições.” (Silva e Gonçalves, 2012, p. 78)

Nesse sentido, a presença e uso dos shoppings centers aparecem nas narrativas de quase todos os participantes como em:

Houve uma migração muito grande de pessoas que não mais frequentam o Centro, vão em shoppings. Esse North Shopping foi um deles! Quando foi construído, foi um deles. O que tinha era um Center Um, da época nossa, né? E que era uma novidade, mas não migrou muito. Existia o Center Um, mas o Centro ainda era ativo. Mas quando começou a ter o Shopping Iguatemi, North Shopping, que foram dos primeiros, né? Aí migrou. As pessoas lá se sentiam mais tranquilas. Também a comodidade de você tar num ambiente climatizado, né? Você ficar a céu aberto, no sol quente, você mesmo... Só mesmo a classe... O povão mesmo é que vai pra essas feiras que tá tendo agora, né? As feiras de roupa, esses centros comerciais de roupa.

A sociedade capitalista, a partir do século XIX, conforme aponta Lefebvre (1993), passa a produzir o espaço construído e suas implicações. Os shoppings centers são projetados a fim de organizar uma série de funções ligadas ao consumo e serviços como lojas, bancos, serviços rápidos como conserto de roupas, cinemas, lazer infantil, estacionamento, lava-jato etc. Silva e Gonçalves (2012) reiteram isso em:

É importante ressaltar que, os shoppings incorporaram uma gama de serviços e atividades, e que essa tendência tem sido muito bem articulada aos interesses do capital, ampliando possibilidades/oportunidades de acumulação. (p. 69)

Além dessa teia de serviços associados ao espaço, ainda há um elemento que os diferenciam considerando o contexto da cidade de Fortaleza: a segurança. Esses elementos podem ser percebidos no trecho da narrativa de Dona Edice, que viveu muitos anos no bairro, mas há duas décadas bora em outra região da cidade, mais próxima aos *shoppings* da região leste:

Eu não vou porque não tem necessidade. Tudo o que eu quero aqui, em cinco minutos eu tô no Center Um, tô aqui no Pátio Dom Luís, resolvo tudo lá. Eu tô dentro, tô tranquila, entendeu? Então, pra mim é mais prático, é mais fácil.
(Edice)

A “artificialidade” dos *shoppings*, por serem considerados um “fenômeno moderno da sociedade capitalista” (p.68) por Silva e Gonçalves (2012) repercute nas formas de viver. Essa característica forjada desses espaços privados aparece em:

Eu me lembro, quando criança, de ver os filmes do Walt Disney e de Natal era assistir Bela Adormecida, Cinderela, era isso o natal. Você ver as vitrines, né, as lojas e depois assistir o filme. Era uma das coisas boas também que aconteceu. Não era aquela coisa fria de ir ao shopping. Você via as vitrines, a primeira escada rolante na Lobrás... Evidenciei. Na Lobrás, a primeira escada rolante. O Romey, ia lá no Romey comer sorvete, comer banana split também. Era bom demais! O Centro tá bom, mas naquela época tinha coisas assim... (Célia)

As relações que se estabelecem entre as mudanças na cidade de Fortaleza e a transformação do comércio aparecem nas entrevistas narrativas atreladas às modificações

no lazer e na vivência do espaço público de forma geral. Os passeios nas ruas muitas vezes eram motivados por observar as vitrines, encontrar pessoas e realizar brincadeiras no interior das lojas.

Antigamente, todo mundo, à noite, ia para o Centro ver as vitrines. Das Lojas Flama, da Variedades, da 4400, da Cruzeiro, das lojas antigas que hoje não existem mais. Mas todo mundo ia olhar. Era tudo decorado, tudo aberto! As lojas, não, mas as vitrines era tudo aberta. Aí todo mundo ia olhar, passear! Só que hoje é como se fosse o Iguatemi, um shopping desses. O Centro era assim. Na época não existia shopping, né? Aí muita gente que morava ao redor do Centro ia ver as vitrines à noite, sábado à tarde, domingo... Era o passeio da gente era esse. Nem parece que é verdade, né? Vocês não acreditam, né? (gargalhada) Isso em 60, 70... Da época da Lobrás, da Flama, da Cruzeiro, dessas lojas tudim... A Sapataria Belém, a Casa Pio... Tinha tudim. Agora foram fechando umas lojas, abrindo outras. Mas era bom, as vitrines. E nós íamos todo sábado para a Praça do Ferreira. O São Luís, na década de 60, era o passeio mais chique que tinha em Fortaleza. Nós íamos de paletó, só entrava de paletó. Se não fosse, nem fosse. Era um lugar chique de Fortaleza, era o Cine São Luís. Aí era lotado de gente! E nós íamos pra Rua do Ouvidor, né? Ver os ventos balançando e as meninas subindo as saias e a gente ia olhando, parava pra olhar. A Rua do Ouvidor era a Guilherme Rocha! Bem na esquina com Major Facundo. Ali era outro ponto chique! Iam os jovens tudinho pra lá, ficavam lá conversando, paquerando e vendo as saias da meninas subir. Era a sensação! Ia todo mundo, vinha gente de todo canto. Rico, pobre, todo mundo ficava lá. Era um lugar, o point da cidade era a Rua do Ouvidor, que a gente chamava. Aí a gente ia pra lá.

Era movimentado, o Centro. Onde tinham vários cinemas, né? Majestic, Diogo, São Luís, Saburá parece. Foram tudo fechado, né? Só ficou o São Luís, né? Mas nós ia muito. Todo mundo ia pra Praça do Ferreira! Era bom demais! Tinha um ponto de taxi, tudo era lá. Aí foi acabando, acabando o Centro. A cidade cresceu muito, né? E cada bairro ficou independente, tendo seus restaurantes próprios. É assim. Mas as vitrines era bom da gente olhar. (Robério)

A experiência de viver a cidade vai além da percepção da morfologia espacial, estando ancorada nos vínculos que o indivíduo estabelece com o lugar a partir dessas experiências. As lembranças associadas aos lugares que aparecem no decorrer das narrativas têm a capacidade de definir não só a sensação que se estabelece com lugar, mas também a relação atual. Apesar das mudanças no bairro, hábitos antigos aparecem atualizados no novo espaço de emerge no bairro:

Quando eu morava em Itaipoca, a gente vinha só pra andar na escada rolante da 4400. Era um sucesso a escada rolante! (gargalhada) Vinha no final de semana só pra subir na escada rolante e chegar lá dizendo. Nós viemos em 64, né? Quando foi na década de 60, comecinho, começaram as escadas rolantes. Na Lóbrás e na 4400, e na Flama. Mas a gente vinha só pra andar na escada rolante. Era muito bom! Mas hoje também é. Tudo é bom. Se a gente for acompanhando as mudanças, né? É muito bom. (Robério)

Ao narrar a diferença e o sentimento diante da transformação do espaço de comércio e lazer no bairro, Sr. Robério relata um hábito que não se desfez na sua relação com o entorno. Ele continua a ir todos os sábados pela manhã observar as vitrines das lojas. Na

Psicologia Ambiental, isso se relaciona ao conceito psicossocial de *apego ao lugar*, que consiste num “conceito complexo e multifacetado, cujo estudo exige atenção para as características físico-espaciais do local e os significados simbólico/afetivos a ele associados pelos indivíduos e/ou grupos. (Elali e Medeiros, 2011, p. 53)

Por exemplo, quando era à noite, todo mundo vinha dos bairros visitar o Centro, ver as vitrines. Era o passeio de Fortaleza, era um dos passeios. Todas as lojas tinham que ficar com as portas abertas, com as vitrines. Isso aí é o que eu sinto mais em Fortaleza. Mas eu ainda tenho o hábito de ir ao Centro, dia de sábado, ver as vitrines antes que feche. Quase todo sábado eu vou. Pra ver, só como hábito mesmo que a gente tinha. (Robério)

Sob o aspecto do lazer, se destacam também a existência e frequência aos antigos cinemas de rua do bairro, lugares também modificados pelo aparecimento intenso dos shoppings centers.

E o cinema era engraçado porque, antigamente, os homens tinham que ir de paletó, né? Então era um número! (Edice)

E a adolescência lá também era muito bom, era esses programas mesmo, o programa da época, que era o cinema mesmo que só tinha na época. Ainda não tinha shopping, né? (Edice)

As práticas religiosas apareceram como algo marcante para a vivência do espaço público, tanto que uma participante mencionou a ida às missas ainda hoje no Centro apesar de não mais residir no bairro.

Todos os domingos ia visitar as tias! Ia, ia! Eu ia à missa, a missa era na Igreja do Carmo, ali, a missa. Era perto da tia, aí ia pra lá, pras caixas d'água. Tudo era perto naquele tempo! Fortaleza era menor, né? Ia visitar as tias, desde pequena ia tudim visitar! Um domingo ia ver uma, no outro, ia ver a outra. Era assim. Isabel, Tia Domingas... As famílias se visitavam muito, né? Aí dessa reunião de família que sempre era nos fins de semana, né? Quando eles tinham saído do seminário, já tavam na casa de parentes, da família... Aí, nessa visita, ele apaixonou-se pela mamãe, né? (Theresa)

Dia de domingo ia pra missa, você tem três igrejas ali perto. A gente sempre ia tudo. Na minha família, como eram doze, tinha a primeira leva e a segunda. Eu era da segunda porque eram nove homens e três mulheres. (Edice)

As festas de carnaval de rua, denominadas entre as décadas de 40 e 60 de “corso” aconteciam em algumas ruas do Centro. Essa festa aparece nos discursos de alguns participantes, representando uma experiência importante na vida do bairro.

O corso, na época do carnaval, era na Dom Manoel. Eu vivenciei algum período dessa minha vida esse carnaval ali muito da paz lá. Tinham coisas... (Célia)

O carnaval era aí. O Corso, né, que chamavam. Ficava todo mundo, vinham os ricos que tinham carro, e ficavam passando nos carros. Molhando as gente, os pobres, jogando talco. Talco, pós, essas coisas tudinho. Era aí! Esse carnaval era animado! Começava ali na Diocese, ali no Seminário da Prainha e vinha até aqui no final. Ia e voltava! Jogavam água, e tomavam banho e bebiam... Era a animação de Fortaleza, era o corso. Era os quatro dias lotado. Não tinha esse negócio de ir pras praias por aí, não. O carnaval era em Fortaleza. E era animado, o corso! E era aí, bem aí. Tomava banho de água, saía todo sujo, era bom demais! Era a via do Centro, era a Dom Manoel. Morava só o pessoal com mais recurso, né? É assim... Pois é, dá pra fazer um filme, num dá? (Robério)

Conforme referência trazida pelo Jornal Diário do Nordeste (2018):

Além dos maracatus, o Carnaval de Fortaleza também contou com blocos, marchinhas, escolas de samba e cordões. Todos passavam pelo corso, que era um local reservado para os desfiles. O percurso mais tradicional era o da Av. Duque de Caxias, mas também havia o da Av. Dom Manuel ou, ainda, o da Rua Senador Pompeu com Rua São Paulo.

As mudanças na paisagem urbana do bairro alavancadas pelas modificações nos tipos de atividades comerciais da região são apontadas por Dantas (2009) em: “Com a redefinição da centralidade, cabe ao comércio ambulante, a partir dos anos 1970, um papel essencial e explicitador das características do Centro, que perde sua hegemonia e torna-se o ‘Centro da Periferia’”. (p. 227)

Como um dos elementos gerados pelo processo de descentralização do bairro em relação à dinâmica da cidade e às formas de comércio e usos do espaço público, podemos perceber, tanto no texto de Dantas quanto nas falas seguir:

Por exemplo, a mudança que eu vejo... Por exemplo, a parte daquele, do comércio mudou muito. Diminuiu muito aqui, diminuiu muito. Agora só tem as lojas fechando aí, fechada aí. Devido a crise que tá, né? As lojas não aguentam, né? Do jeito que tá aí, tem muita loja fechada no Centro. Então diminuiu muitíssimo, né? Essa parte que antigamente o pessoal trabalhava, tinha mais emprego. Tinha mais emprego nessa época. Agora, a maior parte... Pode andar no comércio que você vê as lojas fechadas e outras fechando mais. O comércio não dá pra pagar um preço alto, e os impostos tudinho tem que pagar, né? Não dá. A venda é pouca! Aí o pessoal vai pro meio da rua vender nesse esquema que chamam camelô, né? (Francisco)

Seu Francisco, morador e trabalhador antigo do bairro, relata a ocupação das calçadas pelo comércio ambulante em decorrência das dificuldades do trabalho formal assim como dos altos custos para manutenção de pontos comerciais no bairro:

Tem calçada que você não pode nem andar, né? Porque eles, o pessoal, vai avançando. Como diz umas e outras, não tem emprego pra eles trabalhar, vão viver de quê, né? Eles tem que viver! E não tem outra coisa pra fazer, tem que correr pro meio da rua mesmo, fazer o que for. (Francisco)

Essa forma de organização do espaço que passa a ter início na década de 70 e que se estabelece num movimento em conjunto com a ocupação do bairro pelo comércio popular de forma geral, engloba a forte entrada dos vendedores de roupas oriundas das “facções”. Estas são organizações caracterizadas pela pulverização de pequenas produções de cunho doméstico nas regiões periféricas da cidade e que tem como mercado consumidor tanto a cidade de Fortaleza como um todo quanto os demais municípios do estado do Ceará. Dantas (2009) aponta, mais uma vez, essa discussão em:

A resultante é a de que o Centro tende a se tornar normatizado e concentrador de consumidores, as ruas propriamente ditas passam a ser utilizadas pelo automóvel e as calçadas tornam-se locais de circulação de consumidores em potencial, que disputam espaço com o comércio ambulante, inserido no Centro graças à possibilidade de apropriação privada do espaço público. (p.11)

Além das atividades comerciais em si, outro aspecto relevante para esta categoria é a saída de instituições públicas do bairro para outras regiões da cidade como é o caso da Assembleia Legislativa e do Tribunal de Contas. Há trechos das entrevistas em que é possível perceber as interferências na ocupação do bairro que o afastamento de algumas organizações causou:

Infelizmente o Centro acabou-se praticamente, né? Aqui não tem comércio, não tem nada. O Palácio do Governo, eu ainda alcancei o Palácio do Governo aqui, ali na Praça General Tibúrcio. O Palácio do Governo, a Assembleia Legislativa, o Tribunal, tudo era no Centro! Aí foi saindo, foi saindo, foi saindo e pronto.
(Robério)

Eu acho que outra coisa que também contribuiu muito pro Centro se acabar, diminuir, foi o setor público que saiu todinho daqui. Saiu a Assembleia, Palácio do Governo e o Tribunal de Justiça. A Prefeitura saiu, mas voltou. Ela vai e volta, né? Depende do prefeito de plantão. Tinha saído e a Luizianne voltou, né? Não ficou nada no Centro. (Robério)

Nos trechos da narrativa, ainda se referindo à saída dos órgãos da administração pública do bairro, podemos perceber o discurso desvelando meandros da história da cidade nas relações de poder entre a Igreja e a Prefeitura. Além disso, a importância da manutenção da sede da Prefeitura na região é valorizada na fala de Seu Robério, morador do bairro desde 1964.

Você sabe onde era o Palácio do Governo, né? Ali na Praça dos Leões, onde era a Academia... Ali era que ficava o Governador! E a Assembleia Legislativa é onde é hoje o Museu de Negócio de Literatura... E o Tribunal de Contas era em frente à Catedral. O Tribunal era ali, onde é uma praça hoje, ali era o Tribunal. Derrubaram e fizeram aquele lá. Aí pronto, esvaziou o Centro! Ainda bem que o Tribunal de Contas do Município ficou aí e ampliou agora, né? Aí a Prefeitura voltou, que tinha saído também... Uma beleza a prefeitura ter voltado! Ave Maria! Você conhece por dentro? Ali é lindo por dentro! Lindo, lindo, lindo por dentro! Lá dentro, aquele bosque ali é muito bonito! Ave Maria, é muito bonito ali o Centro, o Paço! Ali é porque era do bispo, né? A casa do bispo... Aí depois devolveram pro bispo, o bispo não gostou, aí voltou de novo pra cá. É muito grande pro bispo, né? Era a casa do bispo ali. (Robério)

O Centro, por ter seu espaço utilizado basicamente para fins comerciais, atividade eminentemente diurna, e em menor escala para alguns restantes órgãos públicos, sofre com o esvaziamento à noite e nos finais de semana. Poucas são as situações em que há estabelecimentos abertos aos sábados e domingos, por exemplo. Nesse contexto de não-ocupação nesses períodos e considerando a desigualdade social e violência que a cidade como um todo vive, o Centro acaba, para alguns, sendo considerado um lugar perigoso.

Sr. Francisco, ao mencionar uma comunidade pobre do Centro, considera o horário de fechamento do Ministério do Trabalho, situado nas imediações da referida comunidade, um elemento que intensifica a sensação de insegurança:

Ah, isso aí diz que é muito antiga... Diz que é das mais antigas que tem aqui. O Ministério do Trabalho ali. Ainda bem que tem ele ali, mas é só parte do dia, né? Quando fecha tudo, fica só... (Francisco)

É importante esclarecer que a comunidade mencionada é o Arraial Moura Brasil, situado por trás da Estação Ferroviária e considerado...

...uma das mais antigas favelas da cidade, para onde, na década de 1930, foram removidas mulheres que se prostituíam na zona central. A área, também conhecida como “Cinza”, abrigou o “baixo meretrício” até 1974, quando os casebres foram removidos para dar lugar à Avenida Leste-Oeste. (Gondim, 2007, p. 109)

As transformações da cidade, conforme mencionado anteriormente, não acontecem de forma isolada, e sim de forma conjunta. As mudanças descritas nesta categoria se

articulam com as discutidas nas outras quatro encontradas. O próximo tópico a ser discutido refere-se às transformações no âmbito da habitação e formas de sociabilidade no bairro.

5.2.2 “Eu mesmo não saio daqui, não” - Laços de vizinhança e apego ao lugar.

O Centro de Fortaleza era considerado, até a década de 60, um bairro com fins residenciais e comerciais, resultando no uso misto da região. As camadas mais altas da população eram predominantemente as detentoras dos imóveis daquela zona. Com o passar do tempo, progressivamente, o comércio passou a se fortalecer no bairro e outras regiões da cidade começaram a surgir e se desenvolver. Conforme Silva e Gonçalves (2012),

No que tange à localização espacialmente, de forma concentrada, o Centro tradicional de Fortaleza, até recentemente, era a única centralidade urbana, mas com a fragmentação, áreas residenciais e o setor terciário se descentralizaram pelo tecido urbano, como consequência se formaram novas centralidades. (p. 71)

O caráter residencial da região aparece fortemente nas narrativas dos entrevistados. A preponderância da existência de famílias que ocupavam o bairro pode ser constatada em diversos trechos como:

Todo final de semana a gente visitava uma tia! Morava tudo ali por perto! Imperador, Tristão Gonçalves, morava a Iaiá... Iaiá era a minha avó, né?
(Theresa)

Tudo ali era família, eu conheci tudo. Tinha a família Barata, a família... É engraçado, né? Era tudo família! (Theresa)

Célia, que reside no Centro desde a infância, nos apresenta, de acordo com sua experiência narrada, a relação que estabelecia com o entorno além da presença de outros familiares na região.

Como eu lhe disse, eu tô morando aqui desde a idade de cinco anos. Eu tô com 62, então a minha vida de infância e de adolescência foi sempre nesse bairro. Por acaso eu tinha os avós paternos que moravam na Dom Manoel, então eu interagia entre essa casa, da minha infância pra minha juventude, e lá. E nessa época tudo era interessante nesse bairro. Nesse bairro, tudo era assim muito tranquilo. (Célia)

Com a presença forte de residências na região associada à existência de serviços variados, os vínculos de amizade aparecem de forma mais intensa quando narrados no passado. Dona Theresa se mudou recentemente do bairro e deixou apenas dois conhecidos nas imediações:

Não, era tudo família acolá. Tu ouviu falar na Neide, uma amiga minha de infância? Bem magrinha, alta, mais alta do que eu, viu? Ela mora na casa cor de rosinha que tem ali, só tem ela ali. Só tinha ela e eu ali. Quer dizer, o Seu Eliseu tem o comércio embaixo e ele mora em cima. Era ela, o Seu Eliseu e eu acolá. Ela, coitada, né? Pois sim, daí era tudo conhecido ali, tudo! Morava muito

médico, morava muito dentista. Do lado do sol, né? Era um dentista. Ali não tinha loja não, era tudo família. Você dobrava na Pedro Primeiro, era tudo família ali. Pedro Primeiro, Pedro Pereira... Aquele Centro ali, famílias! Agora tinha costureira, tinha gabinete de beleza. Aquele ali na Pedro Primeiro era o nosso. Estela! Já morreu. Tudo era família!

Vivências dos moradores favorecidas pelos laços de vizinhança criados aparecem em diversas entrevistas analisadas. Nos trechos apresentados a seguir, duas participantes narram a importância dos momentos vividos nas calçadas durante as suas infâncias:

Então, era muito tranquilo. As pessoas ficavam na calçada. Por exemplo, essa vila aqui, famílias inteiras ficavam na calçada conversando até uma certa hora, claro, né? Mas com toda a tranquilidade. (Célia)

Aí de tarde se arrumava, terminava as tarefas, ficava ali, tomava banho, se arrumava pra ir brincar na calçada. Porque aí tinha... A minha casa ficava num quarteirão, aqui no meio, na esquina eram três casas como se fosse um condomínio. Então, ali, tinha todas as minhas amigas. E desse lado de cá também tinham duas casas que também eram de pessoas conhecidas. E na frente também, então era tudo residencial. (Edice)

Seguindo o processo de centramentos múltiplos, característico de outras metrópoles do mundo, Fortaleza passa a se estender para outras áreas além do Centro. O inchaço do bairro favoreceu a saída da população mais abastada para a região da Aldeota, que já contava

com algumas moradias enquanto outras regiões da cidade tiveram incremento populacional em seus bairros mais periféricos.

O crescimento populacional provocou um adensamento no núcleo central, obrigando seus habitantes a irem gradativamente se afastando para as áreas periféricas. Houve uma seleção de atividades permanecendo, no centro, as tipicamente comerciais. As classes mais abastadas dirigiam-se para a Aldeota, na Zona Leste, que já contava com as características residenciais de alto nível. As classes menos abastadas se direcionaram para bairros periféricos nas zonas Oeste e Sul, onde já estavam instaladas algumas indústrias ao longo da via férrea. Eram áreas ainda não urbanizadas, sem infra-estrutura. (Costa, 2009, p. 157)

Com as transformações do bairro e o fortalecimento de outros centros independentes, as famílias saem e esses vínculos se dissolvem. Dona Theresa apresenta sua forma de vivenciar as mudanças...

Foram embora, saiu tudo, foram tudo simhora, sumiu-se tudo! Não sei se eles foram embora, se ficaram aqui... Aí pro lado de lá foi crescendo, o lugar foi crescendo, aí você vai perdendo um pouco o contato com as pessoas, né? Se muda, né? E aí pronto. Logo depois você ainda via um ou outro, e foi se sumindo tudo. Aí hoje tem que se conformar mesmo, não é? Procurar ser feliz onde está, não é? (Theresa)

Progressivamente, a função habitacional do Centro foi sendo esvaziada, fato demonstrado através da “redução do número de domicílios existentes, e a transformação do

comércio e serviços que permaneceram na região, com o predomínio de estabelecimentos voltados para uma clientela de baixo poder aquisitivo”. (Gondim, 2007, p. 114). Novos centros de serviços e comércio, conformados tanto na rua quanto em shoppings, passaram a se constituir no tecido urbano. Assim, bairros como Montese, Messejana e Parangaba passaram a atender prioritariamente a classe média baixa enquanto bairros como Aldeota e Água Fria são fortemente ocupados pelas elites da cidade.

O esvaziamento da área central de Fortaleza é parte de um movimento encontrado em outras grandes cidades, que diminuem a função social de habitação e lazer de seus centros enquanto fazem suas periferias aumentares. Conforme aponta Maricato (2001), “dotados de uma infra-estrutura excepcional em relação às demais regiões da cidade, os centros metropolitanos vêm sofrendo um significativo esvaziamento ao mesmo tempo em que as periferias crescem extensivamente” (p. 06).

Ao discorrer sobre o desenvolvimento da região leste da cidade, Gondim (2007) afirma ressalta o “boom imobiliário” na área no decorrer das décadas de 1970 e 1980. Segundo a autora, esse movimento foi favorecido por investimentos financiados pelo BNH – Banco Nacional da Habitação. Com isso, se deu um intenso “processo de verticalização, com a construção de edifícios multifamiliares, inicialmente com até três pavimentos, máximo permitido pela lei N° 4.486, de 1975. (p. 111)

Esse processo de saída das famílias e a sua migração para outros bairros se apresenta em diversos momentos nas entrevistas. Theresa, que residiu no Centro durante toda a sua vida até os mais de 86 anos, tendo se mudado recentemente para o Papicu, relata isso em momentos como:

No Centro ainda era tudo família! Aquele Centro, pouco depois foi que foi... O pessoal foi saindo, né? Foram indo... Porque era tudo alugado, a maioria era tudo

alugado. As casas eram tudo aluguel, né? Aí os donos foram tirando e botando pra fora, foram querendo vender, os donos das casas, né? Foi saindo, aí o pessoal foi saindo, aí foi aparecendo os prédios, os apartamentos... Que tem muito. Aí o pessoal foi indo pro apartamento. Os donos iam pedindo e o pessoal ia saindo. Era alugado, aí não tinha saída.

Era Aldeota, quem tinha melhor isso aqui [gesto nas mãos indicando dinheiro], era Aldeota. Comprava logo um apartamento. E outros que era menos assim, compravam pra Bezerra de Menezes, ali pra trás, né? Imperador... Pra lá, pra trás. Avenida Tristão Gonçalves... Tinha muita família por ali também.

Edice, uma das entrevistadas, morou muitos anos no bairro, mas se mudou para o bairro Varjota – prolongamento da Aldeota - há muitos anos. Ela conta a mudança do seu pai, homem rico, também para a Aldeota:

Pra Monsenhor Catão, numa cobertura. Já pra Aldeota, em 1982. Pouco tempo depois ele faleceu. (Edice)

No bairro, atualmente, ainda há uma quantidade significativa de moradores, porém há sinais de diminuição no uso residencial. Alguns fatores determinantes, segundo Paiva (2005), são:

...as pressões de expulsão, como a especialização das atividades ou monofuncionalidade, o esvaziamento noturno, a insuficiência de atividades complementares à habitação, a precariedade da estrutura física e das edificações,

a insegurança, além de mudanças nos padrões contemporâneos de moradia. (p. 77)

Morador do bairro há quarenta anos, residente nas imediações do Banco Central, situado na Avenida Duque de Caxias, Fernando, 86 anos, aborda a sua experiência com a transformação habitacional na região:

Até as vizinhança acabaram aqui. Só tem mesmo eu aqui...Eu acho que um que tinha ali que era a mais vista do quarteirão aí, morreu. De dois anos pra cá. As casas foram... Constroem a alugam. Acho que não tem mais nenhuma própria... Própria do morador. Só tem morador mesmo, de casa própria, eu, o meu vizinho aqui e outra que veio de dez anos mais ou menos.

Conjuntamente com a preponderância do comércio ou da habitação no Centro, as atividades de lazer também sofrem influência desse movimento. Nessa categoria, principalmente aquelas que referem à relação das casas e suas famílias com a rua. Se antes as calçadas eram o espaço das brincadeiras infantis, hoje, muitas vezes, o lugar que contempla essa prática é o *shopping*. Nesse sentido, Paiva (2005) afirma:

Como as atividades de lazer são complementares à habitação, conforme já foi citado, seu deslocamento sucedeu à migração da habitação, repercutindo também no equilíbrio entre as atividades noturnas e diurnas. Considerando as transformações nas práticas de lazer, fundamentalmente pelo usufruto das praias e pelo lazer contido nos shoppings, o Centro perdeu muito a capacidade de representar o “centro lúdico” da cidade, apesar de possuir um enorme potencial

de praças, parques e equipamentos diversos. (p.78)

As atividades lúdicas da infância assim como as confraternizações e festas, que antes aconteciam nas calçadas e no interior das casas, hoje são realizadas prioritariamente nos espaços privados dos shoppings, materialização do consumo, da rapidez e da impessoalidade característicos da modernidade. Essa comparação aparece nas narrativas em situações como:

Ah, na infância também tinha essa parte do São João... Aí minha mãe arrumava o jardim, a casa toda. Botava bandeirinha, a gente soltava fogos na calçada, ficava brincando na calçada e... Hoje é dentro do shopping, né? Eu digo que hoje essas brincadeiras são mais no shopping, né? Naquela época era mais na rua, no jardim. (Edice)

Eu já perto de casar foi que já apareceram os shoppings. Eu casei lá, casei no jardim da minha casa. Casei lá e, depois que eu casei, acho que meu pai passou só uns dois anos e aí ele mudou-se pra cá. (Edice)

As áreas com mais imóveis para fins de habitação no Centro de Fortaleza, segundo Paiva (2005), ficam nos limites das Avenidas Dom Manuel, Duque de Caxias e Imperador. Nesses locais, o comércio se instalou com menor intensidade do que no centro histórico. Para o autor,

Ainda se preserva a qualidade ambiental de muitas vias, onde a presença de arborização pública é maior, e não raro encontramos sequências inteiras de edificações residenciais, em cuja proximidade avança a implantação de

comércios e serviços. A tipologia das edificações também é bastante distinta. Além de maiores, apresentam melhores estados de conservação e preservação. (p. 78)

No caso de Fortaleza, ao contrário de grandes cidades como São Paulo, não há casos de ocupação de edifícios fechados. Os núcleos de “periferia central” aparecem, “na maioria das vezes, ao longo das vias férreas e nas margens de rios e faixa litorânea desvalorizada”. (p. 79)

Apesar da intensa transformação na função de habitação do bairro, encontramos situações, principalmente entre aqueles que ainda residem na área, onde a escolha permanece sendo a de ficar ali. Robério, morador de uma vila familiar antiga situada no Centro, reside num quarteirão que surpreende por existir naquela zona da cidade:

A residência que tem aqui é a gente. São 48 casas e a gente mora aqui como se fosse uma cidade do interior, né, que é muito bom, muito tranquilo. As pessoas não acreditam que no Centro exista um lugar desses pra morar.

O *apego ao lugar*, conceito trabalhado na Psicologia Ambiental, aparece em diversos momentos das narrativas dos participantes. O conceito é trabalhado por Elali e Medeiros (2011) como a relação entre as questões espaciais e físicas do local e “as vinculações simbólico/afetivas inerentes ao relacionamento pessoa-ambiente” (p. 55).

Para uma leitura do *apego ao lugar*, segundo as autoras, é necessário compreender que essa relação envolve três dimensões: funcional, simbólica e relacional. A primeira se refere ao papel do espaço físico, a segunda diz respeito ao conteúdo simbólico que intermedia a relação pessoa-ambiente e a última, a dimensão relacional, que se refere à

relação “entre o envolvimento social cotidiano” e “as características do ambiente onde o mesmo acontece”. (p.56) Faz-se importante ressaltar que o *apego ao lugar* possui um caráter dinâmico uma vez que pode se modificar de acordo com o ciclo de vida do indivíduo.

Robério nos apresenta, na entrevista realizada, sua relação de apego ao Centro e à vila na qual reside há tantas décadas:

Aí é assim, mas só lhe digo uma coisa: Lugar bom pra se morar é o Centro. Eu mesmo não saio daqui, não. Só se for pro cemitério. (gargalhada) Muito bom! E hoje mora os meus filhos, é todo mundo aqui numa tranquilidade, no Centro.
(Robério)

Numa projeção das relações sociais que se estabelecem, o modo como as cidades grandes se organizam dificultam, assim como o apego, a apropriação dos lugares com os quais nos relacionamos. O distanciamento da cidade nos impõe uma constante desapropriação dos territórios e lugares que frequentamos e aos quais nos vinculamos de alguma forma.

Acontece que, em algumas das narrativas analisadas, pode-se perceber claramente a apropriação desses lugares na cidade, assim como nos trechos a seguir:

Não pode vender pra gente de fora, não. Tem que dar preferência. Se ninguém quiser, que outras pessoas compre, né? Mas de preferência pra família. Quase todas as casas é família. Acho que tem umas duas ou três que não é. Mas é porque foi vendida na época do meu avô, essa vila quem fez foi o meu avô... Em 1937.

A apropriação, segundo Bomfim (2010), é um processo dinâmico, do qual a temporalidade e o movimento fazem parte. A apropriação pressupõe dois processos complementares, o de ação-transformação e o de identificação. No processo de ação-transformação existe a marca de uma modificação no espaço, onde há um significado para o sujeito e que pode ou não ser compartilhado com os demais.

Após a ação-transformação, é necessário que ocorra uma identificação com aquilo que foi criado, sustentado pela defesa dessa identificação. Assim, uma vez que não há a defesa permanente desse espaço, há o risco de desapropriar-se dele. Esse processo de apropriação, calcado em ação-transformação e identificação permanentes de um lugar podem ser vistos no movimento de permanência da família de Robério na vila que leva o nome da família.

É por isso que foi conservado. Ninguém vendeu. Talvez, se tivesse vendido, já tinham era derrubado. Fazendo coisa pra alugar, né? Comércio, essas coisas. Uma vez, aí é o CDL, né? Eles vieram aqui e perguntaram quanto é que a gente queria naquele estacionamento ali, que é herança nossa, até aquela casa ali. Quanto queria! Não tavam perguntando o preço, não. Era quanto a gente queria. Aí a resposta nossa, qual foi? Não, ninguém tá vendendo. Ninguém vende! Aí na época, quem era o presidente aí, o diretor, era o dono da Pague Menos. "Rapaz, vocês não vão vender não?". Ainda veio aí, olhou o estacionamento... "Não, não vende, não". "Mas deixa eu conversar com todo mundo?", "Rapaz, você vai perder tempo porque não vende, não. Eu acho difícil", "Não, mas dinheiro fala mais alto!", "Não, fala nada!". Esse terreno aí era bom pra eles porque fazia um acesso por aqui, pro prédio deles. Pelejaram pra comprar esse terreno, mas ninguém vende. Acho que já tá na quarta geração do meu avô gente

morando aqui. Eu acho que vai longe! Porque é muito bom aqui. As crianças adoram aqui! Eu tenho uma neta que mora ali no Bairro de Fátima, num apartamento. A menina chega aí, parece cachorro quando solta! Corre prum lado, corre pro outro! Vai pro meio da rua, corre atrás dos gato, a bichinha! Aí quando é dia de segunda-feira ela fica pedindo a mãe pra vir pra cá. Pois a bichinha chega aqui, parece cachorro quando solta da jaula. É bom! Doida pra morar aqui também, mas não tem casa. (Robério)

5.2.3 “O tempo modifica tudo” - Sentimento de (in)segurança na relação com o bairro.

Juntamente com as transformações discutidas nas categorias anteriores, uma mudança importante experienciada pelos entrevistados é a que diz respeito aos sentimentos de segurança/insegurança e situações de violência vivenciadas. As narrativas que abarcam a seara do medo e da violência se apresentam como algo relevante neste estudo.

A diluição do uso habitacional do bairro e as mudanças no comércio da região, o esvaziamento noturno e nos finais de semana, assim como a favelização de áreas na zona central e a mudança da segurança pública não só em Fortaleza como no país como um todo corroboram para o sentimento de insegurança no centro da cidade.

Atualmente, embora ainda com um número significativo de moradores, a habitação no Centro de Fortaleza apresenta sinais de diluição, devido às pressões de expulsão, como a especialização das atividades ou monofuncionalidade, o esvaziamento noturno, a insuficiência de atividades complementares à

habitação, a precariedade da estrutura física e das edificações, a insegurança, além de mudanças nos padrões contemporâneos de moradia. (Silva e Gonçalves, 2012, p. 77)

Esse processo de modificação em algumas áreas do bairro com a mudança no tipo de habitação, o processo de favelização, o período não-comercial esvaziado, resultando num visual de degradação, aparecem em trechos das narrativas, relacionados à violência, como:

Você andar aqui à noite é meio perigoso, no centro da cidade, assim tarde da noite. A convivência é meio difícil, principalmente nesse centro aqui, né? Dia de domingo é outra! Rapaz, você não deve andar sozinho assim, não. Porque não tem nenhum... O pessoal é só mal fazer na rua. Tanto masculino como feminino. Aquele pessoal que mora embaixo das casas... Aquelas ruas ali, né? Aquelas rua ali você passa e tá tudo cheio de gente. Tá debaixo das marquise, em tudo, lá deitado... Ali é um perigo!

Bomfim (2010), ao problematizar as cidades globais em relação ao esvaziamento dos centros e a consequente perda de sua representatividade, ressalta a inversão dos valores antes impostos. Essa inversão resulta numa modificação na polarização da relação entre centro e periferia: "...temos as 'edge cities', onde o perigoso é o centro, a zona de abrigo do 'homeless'" (p. 40).

Alguns trechos das narrativas marcam as diferenças entre a percepção do bairro em relação à segurança de antes e de agora:

Era uma tranquilidade, não tinha problema. Tanto é que o portão da casa era vazado, assim. Era um portão de ferro vazado e o muro, o murinho baixo. (Edice)

Não anda como você anda, com medo, olhando pra todo canto. Era uma situação muito diferente. Lá na minha casa tinha vigia, mas o vigia era só pra constar porque realmente não tinha necessidade. Era só pra ver a hora que a gente chegava, abrir portão... Essas coisas, entendeu? E a vida era muito tranquila, muito diferente. (Edice)

A diferença é essa mudança, né? A diferença é essa que devido o movimento, né? Você sente vontade de tar na rua, né? Mas aí tem a violência, né, que é demais. Você escuta falar que mataram um ali, mataram um lá e aí vai. (Francisco)

Conforme discutido por Paiva (2005), diversos fatores se articulam para as mudanças acontecerem. Com um movimento de deslocamento progressivo para outras áreas da cidade enquanto há uma superconcentração de pessoas e atividades na zona central exclusivamente durante o dia e para fins residenciais, o esvaziamento noturno e a sensação de insegurança são semelhantes ao que acontece em outras cidades brasileiras.

Assim, o sentimento de insegurança diante do esvaziamento da rua e dos espaços públicos de convivência dão lugar ao isolamento dentro das residências como podemos ver na entrevista de Fernando, morador de uma região onde ainda há algumas residências no Centro:

Isso aqui era uma tranquilidade apesar de que aqui, eu saí aqui cinco horas e, quando volto seis e meia, olho pros lados e não tem uma viva alma! Tudo trancado! Hoje, é todo mundo trancado dentro de casa. Morou em casa, tem que ficar trancado. Minhas filhas vêm me deixar aí e “Bora, pai! Entre, entre!”. Só sai daí quando eu entro. Aí vem e fecha esse portão. A Kátia, a Fátima, é todo mundo aqui em casa. Mas isso é o tempo, modifica tudo. (Fernando)

Botelho (2005), num trabalho intitulado “Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís”, esclarece que, durante os séculos XIX e XIX, houve uma concentração de atividades em Fortaleza, o que fomentava o desenvolvimento econômico e político do município. No começo do século XX, o Centro recebe o primeiro porto e, a partir daí, a região passou a ser foco de construção de armazéns e escritórios comerciais. Nas décadas de 1940 e 1950, houve a mudança do porto para o Mucuripe, o que resultou numa modificação no uso dos imóveis na antiga região portuária: estes passaram a ser utilizados “como depósitos (os galpões) e como local de trabalho e moradia de prostitutas e de segmentos de baixa renda.” (p.62)

Na década de 1970, com a expansão da cidade para a região leste, inclusive com a criação dos shoppings e fortalecimento dos outros bairros, as classes dominantes se afastaram progressivamente do Centro. Passa a acontecer então o fortalecimento do turismo com a criação de hotéis na região da Avenida Beira Mar e, além disso, a transferência do Centro Administrativo do Cambéa incluindo a saída de outros órgãos da administração pública da região (Botelho, 2005).

As entrevistas realizadas nos apresentam esse entrelaçamento das histórias de vida das pessoas com a história da cidade. As considerações teóricas de pesquisadores da área se articulam com o que foi narrado por diversos entrevistados sob a perspectiva do

esvaziamento do Centro e, conseqüentemente sobre a sensação de insegurança na região. Os dois trechos a seguir são de duas entrevistas que apresentam suas histórias sob duas perspectivas: a primeira ainda é moradora da região enquanto a segunda, filha de uma família com melhores condições financeiras, migrou para a Aldeota.

Sinceramente eu não sei o por quê que o bairro ficou praticamente isolado, não ativo, né? Não sei se por questões da área dos governantes... Ou então porque aqui foi criando aqueles shoppings, né? Os condomínios, né? Com mais segurança, né? Aqui é um bairro de casas de muro baixo, então não tinha segurança aqui e foram pros condomínios, pros apartamentos que tem portaria, que não pode entrar uma pessoa estranha, que tem que ser abordada. Então isso aí foi a situação, foi lentamente tendo essa dificuldade de segurança e as pessoas foram procurando cantos que se sentissem mais seguras, né? Existe prédios construídos aqui, mas na época não tinha. Tinha mais pra outros bairros, lá pra Aldeota, lá pelo Meireles. Aí foram migrando pra lá, né? As famílias tradicionais. Os filhos já foram tendo outro pensamento e foram se acomodando nos lugares mais seguros. É o que eu penso. Aqui só ficou mesmo quem gosta daqui mesmo de coração e não tem a oportunidade, talvez, de ir pra esses condomínios fechados, né? Pronto, é isso. Eu acho que é dessa forma que aconteceu, com essa particularidade da violência, né? [...] As pessoas foram sendo mais roubadas nas casas, aí a população achou... Quem tivesse uma condição financeira de ir prum condomínio, um edifício que tenha uma portaria, foi migrando. E aqui foi ficando cada vez mais deserto, as casas ficando mais desocupadas, pra alugar, pra vender. Tudo isso por conta de uma situação financeira e de segurança, que tá acontecendo atualmente também. (Célia)

Foi um dos motivos que meu pai começou a pensar... Os filhos já tinham praticamente casado todos e a casa tava muito grande, precisava duma grande reforma e tudo. E ele preferiu ir prum apartamento porque aí começou a parte da segurança, né? Começaram a aparecer, em 80, 81, já começou essa parte da violência. Então, como eram só eles dois, apesar de ter uma família grande com muitos netos e tudo, resolveram ir pro apartamento. (Edice)

Infelizmente, quanto aos dados objetivos de segurança, Fortaleza, segundo a ONG mexicana *Seguridad, Justicia y Paz*, que realiza um monitoramento dos registros de homicídios em diversos países, considerou a taxa de homicídios em Fortaleza de 83,48 homicídios para cada mil habitantes. O dado se refere ao ano de 2017 e o indicador foi construído levando em consideração o número de assassinatos em proporção à população do município.

O Mapa da Criminalidade e da Violência em Fortaleza - Perfil da SER II -, afirma que o Centro, em relação às ocorrências criminais, se destaca por registrar “o maior número absoluto das cinco ocorrências na série histórica de 2007, 2008, e 2009” (p. 11). O documento, construído por laboratórios tanto da UFC - Universidade Federal do Ceará - quanto da UECE - Universidade Estadual do Ceará -, avalia que o dado não é surpreendente considerando as características do bairro e ainda traz uma reflexão importante:

Em termos numéricos, o Centro atinge, aproximadamente, o dobro de registros de crimes se comparado ao bairro Aldeota, que ocupa a segunda posição em quase todas as ocorrências, com exceção de mortes violentas. (p.11)

É importante ressaltar que os dados se referem à Secretaria Executiva Regional II,

área da cidade com maior IDH – Índice de Desenvolvimento Humano de Fortaleza – que conta com 21 bairros da capital cearense. Os tipos de ocorrência contabilizados são: mortes violentas, lesão corporal, roubo, furtos e relações conflituosas.

Os dados apresentados reafirmam, de certa forma, um pouco da realidade vivida pelos habitantes e frequentadores do Centro. Mas além dessa realidade objetivada, é importante ressaltar o crescimento e manutenção nos últimos anos de um discurso da mídia que favorece e amplia esse sentimento permanente de medo assim como podemos perceber na narrativa de Fernando que, mesmo só tendo sido furtado uma vez, onde um grupo de meninos levou um saco de pães da sua mão, afirma:

Aí o problema maior mesmo da rua é a insegurança. Cê tá na sua rua, você chega aqui e você não sabe se vai entrar em casa ou não, né? Principalmente à noite, né? Eu vejo aí as informações que dão, que a mídia dá, e é a qualquer hora. Não tem horário pra você ser assaltado, não tem nada. Eu uma vez não fui assaltado dali pra cá? Eu vinha da padaria com um saquinho de pão na mão. Passou uma porção de garotos e garotas, passaram e levaram o saco.

Num trabalho com narrativas de idosos sobre a cidade, Eckert (2002) apresenta os relatos como elementos que contrastam o contexto da cidade violenta atual com as memórias do passado. Segundo a autora:

No processo de atualizar suas interpretações sobre a cidade que contextualiza suas experiências de vida, as feições dos medos tomam múltiplas colorações. Nesse repertório simbólico de viver numa cidade violenta, não raro reafirmam as representações envoltas por um discurso de ‘poder’ sobre o agravamento das

situações de violência e uma dinâmica criminal, divulgado sobretudo pela mídia.

(p. 73)

A complexidade que envolve a problemática da violência em Fortaleza, assim como no mundo contemporâneo, não tem a sua totalidade anunciada pelas notícias divulgadas na grande mídia. Para Eckert (2002):

Devemos considerar ampla gama de aspectos que exercem impacto sobre a qualidade de vida: problemas historicamente mais recentes ou mais antigos, como a poluição do ecossistema, o desemprego, a miséria, a corrupção, as disputas pelo poder doméstico e/ou público (violência doméstica, rivalidade entre gangues, disputas por honra familiar etc.) que geram violência e vítimas fatais. (p. 74)

No entanto, para além da justificativa midiática, aparecem reflexões importantes sobre o contexto complexo que envolve o sentimento de insegurança e situações de violência. O uso de drogas, assim como o esvaziamento do bairro, o desemprego e a falta de oportunidades aparecem em trechos como:

Aí apareceu essa tal de droga, né, que foi a maior desgraça do mundo que apareceu, né? O que contribui é isso. A maior violência que tem é isso. Os meninos que tem aí tudo usa droga, começa novo mesmo. Aí não tem dinheiro e vão assaltar, roubar, assaltar. (Francisco)

Mesmo considerando as dificuldades de vivenciar o bairro em decorrência do medo,

percebe-se importantes aspectos psicossociais que asseguram a permanência no Centro em trechos como:

Eu vou lhe falar a verdade. Eu não sei qual é o que tá o pior, não. O Centro de qualquer maneira é onde se movimenta mais gente, né? Então acontece, mas eu não troco o Centro por outro bairro, não. Pelo menos aqui tem muita gente que não é essas coisa, mas tem muita gente boa também, né? Acho melhor mesmo aqui que em outros bairros. Nós construímos nossa história todinha aqui, né? Eu gosto daqui.

Pode-se identificar, em diversos momentos das narrativas, aspectos psicossociais trabalhados pela Psicologia Ambiental que funcionam como sustentação para a permanência dos moradores no bairro. No trecho acima, a relação de Seu Francisco com o Centro, ao se identificar com ele e estabelecendo uma relação de apego, demonstra que “Transformar os espaços em lugares é, então, dotá-los de um valor, atribuir-lhes um significado e, principalmente, formar laços de identificação” (Bomfim, 2010, p. 74).

Há uma forma de agir no espaço onde o indivíduo, segundo Bomfim (2010), se permite construir a sua “identidade na relação com o espaço, transformando-o e sendo transformado por ele, atribuindo-lhe um significado e deixando a sua marca” (p. 75). Para que a apropriação, por exemplo, aconteça, tanto por um indivíduo quanto por um grupo, como é o caso da Vila Romero, no Centro, onde Robério reside, é importante compreender que:

...a apropriação é um conceito transversal que perpassa praticamente a todos relacionados com a identidade do lugar. Um espaço apropriado (lugar) ajuda a

manter a identidade pessoal, a história e os referentes espaciais e simbólicos vinculados à capacidade de autonomia da pessoa. (p. 81)

Assim, a relação que o grupo familiar estabelece com a rua e com o entorno, se mostra fundamental na existência do sentimento de segurança vivenciado por Robério conforme podemos ver em:

Agora, as pessoas acham que o Centro é perigoso. Todo canto é, né? Hoje em dia. Mas é isso. Muito bom aqui. Aí o Centro é assim, pouco movimento, pouca gente. Aqui, dia de domingo, aos domingos e feriados, pode correr é nu no meio da rua que ninguém nem nota. Não tem ninguém, ninguém vê ninguém. Muito tranquilo, muito tranquilo mesmo o Centro. Às vezes as pessoas dizem assim: "Marrapaz, tu mora no Centro?", "Moro. Qual é o problema?", "Não, é perigoso! Tem muito ladrão!", "Rapaz, pois você tem que me apresentar porque eu não conheço, não. Muito pouco ladrão". A gente é tranquilo mesmo. Aí eu gosto de dizer que a minha casa nem muro tem, os portões é tudo aberto. Pra facilitar os ladrões que vocês dizem que tem, né? Mas não acredito, não. É isso aí. E tô criando meus filhos, e tô criando meus netos aqui. Uma beleza! Quando é à tarde, parece uma cidade do interior. Depois de umas cinco, seis horas, eles ficam brincando na rua, correndo pra cima e pra baixo, não tem problema nenhum. Não tem carro, não tem nada. E é isso! É isso o que eu tenho que dizer. Tá bom?
(Robério)

O conceito de *territorialidade*, também objeto da Psicologia Ambiental, se relaciona com o uso e a relação que um grupo estabelece com o espaço. A territorialidade tem, além

da dimensão do apego, uma dimensão de controle atravessado pelas “características culturais da coletividade em que se insere” (Higuchi e Theodorovitz, 2018, p. 231). De acordo com os mesmos autores, podemos ver em:

Territorialidade pode ainda integrar em sua constituição a dominação, a posse, a vigilância, a segurança, entre outros aspectos. As territorialidades são produzidas a partir de valores e modos sociais específicos de cada sociedade; portanto, designam ao território uma condição não estável, mas diretamente associada aos acordos sociais estabelecidos entre aquele(s) que detêm direitos e aquele(s) que aceitam ou não esses direitos. (p. 233)

Assim, os acordos sociais, não necessariamente estabelecidos de forma objetiva, podem representar uma forma de segurança para Célia, que reside no bairro e se incomoda com a proximidade com um ponto de uso de drogas e acúmulo de lixo ao lado da sua casa. Apesar de representar um incômodo, ela percebe que as situações de violência vivenciadas por seus familiares são procedentes de outros autores que não vivem nas proximidades de sua casa:

Consigo circular, né? Porque você já... Você se blinda de ser uma pessoa que mora há muitos anos aqui e que você já tá acostumada, né? Àquela rotina e que isso aqui não... Eu tenho o meu receio por causa... O pior agora não é o lixo, é a história das drogas que tá sendo muito avassalador. [...] Abordagem de roubo existe por outras pessoas, né? Esses motoqueiros, esses ciclistas, que não são provenientes deles aí. E sim aquele que vai fazendo o percurso e, se der certo, deu. Essa menina mesmo já foi abordada duas vezes, ela é minha filha. E não foi

por pessoas daqui e sim por outras pessoas que de repente aparecem e ficam, né? Vão fazendo esses roubos aí de moto ou então de bicicleta, mas que não são esses que estão sempre aqui. São outros, de outra área que ninguém sabe da onde é. Qualquer um tá sujeito, né?

5.2.4 “Agora, no meio da rua ninguém pode andar” - Mobilidade e acesso aos serviços.

A quarta categoria que emergiu das narrativas analisadas tem como elemento de discussão as transformações referentes à mobilidade, ao trânsito e acesso a serviços como escolas, bancos e hospitais no Centro da cidade de Fortaleza. As transformações amplas do bairro, exaustivamente já apresentadas nas categorias anteriores, apresentam relação também com esta categoria de análise.

Com o movimento de deslocamento do Centro como um espaço de poder destinado às elites para outras regiões da cidade, o uso do bairro se modificou. A região, assim, se transforma de um espaço de importante uso residencial e de comércio elitizado para uma área que passa a atrair um grande contingente da população de menor poder aquisitivo. Com isso, o comércio ambulante progressivamente se instalou no bairro.

Santos et al (2011) trazem a perspectiva das implicações espaciais do comércio informal no centro de Fortaleza:

“O Centro passa a ser local de consumo principalmente da população de menor poder aquisitivo, que proporciona dentre outros fatores o crescimento do

comércio informal, que ao longo dos anos tomou grandes proporções” (Santos et al, 2011, p. 03)

Sob a perspectiva do impacto nos deslocamentos na região, a ocupação das calçadas e vias passa a ser tanto permanente quanto, no contexto das feiras, a se estabelecer nas ruas em alguns dias da semana. Esse tipo de ocupação aparece em momentos das narrativas como:

Agora, no meio da rua ninguém pode nem andar! Por cima das calçadas, com tanta gente vendendo no meio... É porque é o jeito, né? Tem uns que pedem esmola porque é obrigado porque não tem emprego! O que é que vão fazer? Porque tem que sobreviver, né? (Francisco)

O crescimento desse comércio informal e a redefinição do Centro em relação à estrutura urbana considera a modificação dos fluxos e refluxos de pessoas oriundas dos bairros mais pobres. Essa população, ao frequentar o espaço para fins comerciais, também redireciona seus trajetos a partir do bairro. Dantas (2009) discute que:

Este fato é o determinante e, ao mesmo tempo, é condicionado pela transformação das praças em terminais de ônibus e pela presença do comércio ambulante na área central, visto que essas condições espaciais fazem do Centro um local privilegiado para o exercício do comércio ambulante. (p. 219)

O autor aponta ainda a concentração dos vendedores ambulantes nas imediações das lojas, nos cruzamentos das principais vias e nas praças que ganharam ares de terminais de ônibus. Considerando todo esse contexto, o “Centro da Periferia” assume a sua forma atual.

O município de Fortaleza conta com uma grande quantidade de veículos. Além disso, considerando as ruas estreitas do bairro e o importante fluxo de pessoas, a intensificação do número de veículos na região aparece como algo importante para Fernando, antigo morador:

O movimento de carro aumentou absurdamente. Em 76 não tinha nada disso. Eu tinha um carrinho, graças a Deus, e hoje tá aí o velhinho ainda, né? Não é daquela época, não.

As modificações nas formas de locomoção aparecem nas narrativas mais intensificadas pelo aparente prazer nos deslocamentos anteriores em relação ao atual. Na verdade, para aqueles que residem no bairro, andar a pé continua sendo a primeira opção por representar uma forma mais prática de chegar aos locais desejados, porém o contato com a rua acarreta alguns transtornos como o da insegurança.

Theresa, por exemplo, diz que “Eu andava era de bicicleta!” ao mencionar a forma como se movia no bairro durante a juventude. Edice se refere aos deslocamentos percorridos no bairro tanto na adolescência quanto na vida adulta como sendo realizados a pé, preferindo inclusive do que usar o carro:

Sim, e nisso aí, com doze anos, onze, doze anos, ia pra todo canto sozinha! Andando. Se o motorista não tivesse lá, eu ia. Pro centro, ia... A minha identidade, minha primeira identidade, eu tirei sozinha, eu e meu irmão. Tinha mais ou menos... Não, aí já tinha dezoito anos. Mas olha, a gente andava!

Mas, a época que eu morava ali e que trabalhava era muito bom. Porque era pertinho, você praticamente tava no Centro, na parte comercial. Era o dentista,

era o médico. Se você queria fazer uma compra lá... Eu, depois de casada mesmo, com os meus dois filhos pequenos ainda, que eu ainda trabalhava lá, ali perto da Sefaz, quando era na hora do almoço, eu ia resolver as minhas coisas lá. Coisas de banco, coisas de compra pras crianças, essas coisas. Ia tudo andando, sem problema nenhum. Isso em 90, 91, 92, por aí. Não tinha essa agressividade.

Segundo matéria publicada no Jornal O Povo em 22 de julho de 2017, o Estado do Ceará possuía, no final do ano, uma frota de três milhões de veículos registrados no Departamento Estadual de Trânsito (Detran-CE). Esse número representa mais do que o dobro de uma década atrás. Só Fortaleza conta com uma frota de 1,076 milhão de veículos composta principalmente por automóveis.

O desconforto que o trânsito intenso acarreta para os participantes aparece em momentos como:

Muito! Hoje ninguém anda na cidade, não. A Theresa [esposa] é que tem um negócio de quase todo dia querer dar um passeio na Beira Mar. Pode? Pra ela é uma beleza. Ela vai do lado, olha pra todos os lados. Eu, não, eu só olho pra frente. Você pega essa Santos Dumont, não tem condições. Eu me irrita muito com essa daqui... Mas eu adoro também essa moradia aqui, sabe? Apesar de que tudo o que eu faço é só no Centro. Não tenho nada fora do Centro, eu não tenho. Às vezes, à noite, se eu preciso de algum dinheiro, é que eu vou ali no Pão de Açúcar e tiro lá nos caixas.

Apesar do incômodo com o trânsito, a facilidade no acesso a serviços aparece tanto em fatos narrados no passado quanto no presente. Para os entrevistados, a possibilidade de

resolver boa parte dos afazeres necessários ao cotidiano a pé também é relevante para a permanência no bairro. Esta preferência aparece em falas como a de Theresa, moradora até dias antes da entrevista ser realizada, e Célia, moradora atual.

Lá no Centro, tinha tudo perto. Você descia ali, comprava o que você queria ali. Pra consertar uma coisa tinha tudo ali perto. Botar pilha no relógio, comprar uma coisa, uma peça assim, avulsa... Pra qualquer coisa que precisasse, né? Tinha ali perto. (Theresa)

A única coisa boa aqui é que é autossuficiente, tem banco, tem supermercado, tem clínicas, tem hospitais. Tudo aqui é perto, tudo! Se você não tem uma condução, você consegue se movimentar via ônibus, via de bike. (Célia)

Robério, morador de uma vila familiar localizada no Centro, relata as vantagens de residir na região em decorrência da proximidade dos serviços ofertados e o impacto desse fator na procura de imóveis nas imediações:

Aqui tem uma coisa: A morada aqui, se desocupar uma casa aqui, porque alguns alugam, tem trinta querendo. Por que? Porque não paga transporte, pra ir pro trabalho não precisa de carro. Ave Maria! Esse conjunto aqui de frente, que é de um tio meu, são seis apartamentos. Quando sai um, é mil querendo. Porque é tudo perto. Aqui tudo você vai a pé. Colégio, supermercado, Centro, tudo você vai a pé e não precisa de carro, né? O aluguel aqui, a procura é grande. Às vezes, eles perguntam se eu tenho alguma casa aqui pra alugar, eu digo "Minha senhora,

é melhor a senhora jogar na sena que tá melhor do que uma casa aqui pra alugar.". Porque quem mora não sai, né?

A mobilidade consiste num conceito trabalhado pela Psicologia Ambiental onde, segundo Cavalcante et al (2018), a ideia de deslocamento é superada. A partir desse olhar, onde o deslocar-se pode ser físico, virtual ou simbólico, a mobilidade se relaciona com a superação de diversas fronteiras no tempo e no espaço. Já a mobilidade urbana se define pelo “retorno cotidiano à origem e por temporalidades curtas” (p. 141) se relacionando ao direito de ir e vir e de ocupação e convivência no espaço público das cidades.

“O conceito de mobilidade urbana compreende a vivência da cidade e se apresenta atualmente como uma das principais problemáticas a serem enfrentadas quando se pensa em melhoria da qualidade de vida nos grandes centros urbanos” (p. 147)

Assim, o tipo de locomoção utilizado nas cidades se relaciona intrinsecamente com a mobilidade urbana por interferir na ocupação dos espaços e nas formas de convivência. Em decorrência, a mobilidade se apresenta como categoria de estudo para a Psicologia.

5.2.5 “Foi uma transformação muito acelerada” - Sobre a ambiência do Centro

A última categoria identificada nas narrativas dos entrevistados se refere a conteúdos relacionados à transformação do ambiente do Centro de Fortaleza de forma geral. Nesse

aspecto, se incluem as questões referentes à memória, ao movimento de valorização e desvalorização dos imóveis e intervenções realizadas pelo poder público.

No processo de mudança discutido neste trabalho, o esvaziamento do centro da cidade se reveste de um certo abandono da região que ganha novos usos. A deterioração do patrimônio, o distanciamento das praças e parques, o esvaziamento à noite e nos finais de semana, a ocupação das ruas pelo comércio informal, entre outros fatores influenciam na degradação do ambiente como um todo e, conseqüentemente, na relação que as pessoas e grupos sociais estabelecem com o bairro.

Na discussão desta categoria, é importante esclarecer a noção do conceito de *ambiência* para a Psicologia Ambiental. O conceito, ligado à percepção de forma intrínseca, se refere a uma noção do ambiente que ultrapassa as questões visuais que o envolvem. A ambiência se relaciona com o corpo, com os sentidos e com a cidadania, “levando em conta conjuntamente a diversidade de registros sensoriais e o reconhecimento da importância da experiência corporal” (Thibaud, 2018, p. 14). Assim, perceber o espaço é mais do que enxergá-lo, mas experienciá-lo.

Como indica a linguagem corrente, pode-se estar dentro de uma ambiência, mas jamais diante dela; pode-se colaborar com a ambiência ou experienciá-la, mas não se pode propriamente falar de contemplá-la ou de observá-la a distância. (Thibaud, 2018, p. 14)

Para que possamos pensar a ambiência, segundo Thibaud, é importante compreender que é necessário que todos os aspectos que a conformam “estejam integrados em uma só qualidade, pois sem ela a experiência se confundiria em uma série de percepções confusas e

incoerentes” (p.15). Depois, é preciso saber que ela está relacionada àquilo que é pré-reflexivo, sentido imediatamente antes de ser analisado.

A noção de ambiência inclui a necessidade de uma “determinação mútua” do ambiente construído onde as práticas sociais o influenciam e o conformam diretamente. Ou seja, as ambiências não são elementos decorativos do meio urbano, mas dependem da atividade das pessoas no espaço e possibilitam a relação do indivíduo com o lugar. (Thibaud, 2012)

O ambiente urbano não pode ser definido como um conteúdo neutro e homogêneo dentro do qual se inscrevem as práticas, ao contrário, provém de um meio ecológico heterogêneo formador de práticas que o afetam em retorno. Além disto, se os cidadãos se apóiam nos recursos do lugar para desenvolver suas atividades, estes não são apenas puros receptáculos. Com efeito, os modos de agir em público são em si produtores de ambiências na medida em que ampliam ou neutralizam certos fenômenos sensíveis, exacerbam ou alteram certas propriedades do ambiente construído. (Thibaud, 2012, p. 02)

No caso do nosso objeto de estudo, a experiência dos antigos moradores frente às transformações do bairro, podemos compreender a relação que estabelecem com o Centro a partir da ambiência que narram durante as entrevistas. Theresa nos apresenta um pouco da sua experiência ao relatar uma região da zona central com a qual se relacionava no passado:

Naquelas caixas d’agua, que não servem pra nada hoje, inúteis, ali, horrorosas, caindo aos pedaços, a irmã da minha avó morava ali, do lado de lá. Hoje, é tudo comércio, hoje. Mudou tudo... (Theresa)

A noção de *ambiência* é importante para compreender a transformação do bairro pois é um conceito que aborda a mútua determinação entre as práticas sociais e o ambiente. A ambiência, assim, não é estática, produz e é produzida constantemente através da relação entre os dois elementos conduzindo a discussão para uma reformulação da polaridade.

Por um lado, a parte sensível das ambiências se refere à eficácia sensorial-motora do lugar, sua capacidade de mobilizar as condutas e as maneiras de ser específicas; por outro lado, a parte social se refere ao poder expressivo da ação, sua capacidade de produzir e configurar os contextos sensíveis. O problema central é, então, deslocado e se trata de descrever a ambiência como o campo de articulação entre a eficácia sensorial-motora do lugar e o poder expressivo das atividades. (Thibaud, 2012, p. 03)

Nas narrativas de Célia apresentadas a seguir é possível perceber como a experiência dela aparece com contornos bastante diferentes se considerarmos os quadros temporais onde se inscrevem. Essa diferença da relação que estabelece com o bairro demonstra o resultado da mudança das práticas sociais e do ambiente para a ambiência que emerge dessa relação:

Esse riacho Pajeú, quando criança, eu ia ali num trecho onde tinham lavadeiras lavando roupa. Eu pegava aqueles peixinhos e botava dentro de algum vidro e ficava brincando. Tudo isso aí era interessante. Na casa dos meus avós, era muito cheio de pé de frutas. Eu subia nesses pés de frutas, era muito arborizada essa Dom Manoel.

Porque eu vou ao Centro e vejo aquela degradação toda, de pessoas de rua morando naquela praça... do Ferreira! Então na Praça do Ferreira tem essas pessoas... Tem pessoas boas, com certeza, e tem pessoas ruins abrigadas, a céu aberto, ali. Então foi uma transformação muito acelerada de coisas boas pra coisas não muito boas aqui, nesse bairro do Centro. Pelo menos no trecho em que eu visito, no centrão mesmo. Porque aqui, em pouco tempo, você tá na Praça do Ferreira. Então é isso o que eu tenho pra dizer, que eu evidenciei um final de áurea do Centro. E agora o Centro é uma degradação total. A prova é que você vê muitas casas antigas desocupadas pra alugar, pra vender. Essas aqui da minha frente estão há um certo tempo. Aqui de trás, a mesma coisa. Quer dizer, não é mais um bairro ativo, de circulação de gente. Aqui, no final de semana, você tem toda uma coisa esquisita.

Um aspecto relevante do conceito de ambiência é o de que não pode ser reduzido a um ambiente abandonado assim como não existe sem que haja atividades humanas. A ambiência não pode ser reduzida “às práticas deslocalizadas ou desencarnadas, estas não precedem o ambiente a partir do qual se atualizam”. (Thibaud, 2012, p. 04) Então, é fundamental que não exista anterioridade de nenhum dos dois termos uma vez que há uma simultaneidade nesta determinação.

Assim, nas narrativas deflagradas, é muito evidente, como nos recortes apresentados anteriormente, a ambiência do bairro se apresentando, no decorrer do tempo, de forma bastante diferente. As práticas sociais materializadas nos usos do bairro são marcadas por grandes transformações assim como a experiência de viver essa parte da cidade também se altera, ou seja, a percepção da ambiência adquire outros desdobramentos.

Basta uma pequena modificação para que a ambiência de um lugar seja alterada,

então um detalhe aparentemente pequeno tem a capacidade de qualificar a totalidade de um ambiente. Thibaud (2012) afirma que basta alterar a distribuição do público num determinado espaço para que os percursos sejam modificados. O autor afirma ainda que: “É suficiente comparar um mesmo lugar num período de grande afluência ou num momento onde ele é abandonado para compreender o quanto a simples presença física do público modifica sua estrutura territorial” (p. 13).

O exemplo dado pelo autor no parágrafo anterior se relaciona diretamente com o processo de transformação e conseqüente esvaziamento do bairro. No caso do Centro, os ares de abandono interferiram diretamente na ambiência vivida pelos moradores atuais e antigos. Na narrativa de Edice, esse movimento fica muito claro assim como a conseqüente ambiência relatada:

E aí foi saindo um, foi saindo outro, saiu um vizinho, saiu outro. Aí já botaram uma loja, botaram uma oficina, botava não sei o quê. E o ambiente foi ficando, sabe? Aí começou essa parte da violência também. Todo mundo querendo morar em apartamento, foi um bum dos apartamentos, né? Por causa do problema das casas, mas é isso aí...

O trecho apresentado a seguir retrata bem a noção da experiência imediata relacionada à cidade. O caráter imediato, pré-reflexivo, da noção da ambiência aparece claramente no trecho:

E o que eu senti, basicamente, resumindo, é essa mudança. A mudança física, principalmente, que maltrata quando você chega. Passa aquele filme todinho, maltrata muito. (Edice)

A degradação, em algumas regiões do bairro, vem acompanhada do surgimento de pontos desordenados de acúmulo de resíduos sólidos. Ao lado da residência de Célia existe um ponto de lixo há, aproximadamente, 30 anos. É interessante perceber que esse fator especificamente acompanha um recorte temporal próximo ao desse último período de transformação do Centro. Nos últimos anos, ela ressalta a aproximação também de pessoas em situação de rua e usuários de drogas que residem no entorno. Com esse fator, a ambiência da rua em que reside aparece como um complicador para ela.

O lixo, o ponto de lixo, foi o primeiro. O ponto de lixo é um ponto que sempre as pessoas descarregam lixo. Faz muitos anos porque nessa esquina em que tem o ponto de lixo é uma construtora, mas há uns 40, 45 anos ela não existe mais. Então esse terreno ficou sem nenhum movimento até hoje e aí foi migrando o lixo aos poucos. Foi colocando, foi colocando e essa situação das drogas deve estar numa faixa de uns cinco anos. O lixo, uns trinta. Trinta anos, o lixo... Esse ponto. Das pessoas, são cinco, mais ou menos cinco anos. Era menos, agora tá um pouco mais.

A(s) territorialidade(s), conceito também trabalhado pela Psicologia Ambiental, aparece como uma forma de mediação dessas novas relações que se conformam com e no bairro em decorrência das modificações das últimas décadas. Apesar de envolver grupos sociais muito diferentes, a relação entre os grupos e deles com o espaço é mediada por um compartilhamento do espaço que envolve esse elemento.

O pessoal sabe que estamos há muitos nos aqui e tem um certo respeito, né? Tem um certo respeito. Pelo menos não existe a abordagem de entrar dentro de casa, nesse tempo que tá aí nunca teve essa situação, tá entendendo? Tem esse lado. [...] Aí é aquela história, né? A gente sabe da existência deles e eles da nossa e cada um fica na sua, né? É assim.

O uso compartilhado do território compreendido pela rua onde Célia e sua família moram garante para ela uma certa segurança em relação à convivência que estabelecem com os moradores de rua e usuários de droga habitantes da região. Conforme Higuchi e Theodorovitz (2018):

O domínio e a posse dos territórios obedecem a uma organização compreendida e compartilhada entre os membros de uma mesma sociedade, o que (re)afirma as identidades e as diferenças concretas entre pessoas e grupos e permite o surgimento de uma regulação social do uso do espaço. (p. 232)

A transformação do bairro e a consequente mudança da ambiência do lugar aparece em diversos momentos narrados pelos entrevistados. Percebemos ainda uma relação importante entre a mudança da ambiência de uma forma geral, a degradação do patrimônio da região e também dos processos de valorização e desvalorização dos imóveis na região.

Mas a rua tá muito feia... E no entorno da rua também tá muito feio. A Rufino de Alencar tem uma casa muito antiga também, que era do Dr. Luciano Mota. A viúva dele morreu agora, há um ano. E ela não queria vender de jeito nenhum. Tá lá, a casa, encostada. Lindíssima, a casa. Uma casa com um jardim belíssimo

e tudo. Mas eu acho que agora tá super desvalorizada, então, um dos nossos intuitos, foi, como eram onze herdeiros, porque nessa época nós tínhamos perdido um irmão... Eram onze herdeiros, aí vendemos. Até porque não ia valer mais nada, a casa. Por causa da desvalorização. E sempre a prefeitura e o governo dizendo que ia reformar o centro da cidade, que o centro da cidade ia mudar, que eles iam pegar aqueles prédios antigos e colocar moradia pro pessoal que tava sem teto e que ia ser uma... que ia reformar as praças. Nunca aconteceu isso! Eu, pelo menos, não vejo.

As intervenções realizadas pelo poder público, diferente de outras cidades nordestinas, acabam sendo pontuais, não dando conta da complexidade da situação do centro da cidade como um todo. São estratégias incapazes de fomentar novas práticas e investimentos potentes nesse sentido. Silva (2015) avalia que:

“É grande o volume de capital investido. Em contrapartida, as intervenções realizadas no centro tradicional, mesmo considerando sua alta densidade histórica e pluralidade cultural, não consegue vencer o processo de fragmentação e a emergência de diferentes territórios em seu interior.” (p. 78)

Quanto à questão patrimonial, em diversas entrevistas pode-se perceber relatos de abandonos e demolição de antigas construções, venda de imóveis em decorrência da degradação da região etc. Na narrativa apresentada a seguir, a casa onde Theresa nasceu aparece hoje transformada em estacionamento para carros. Essa prática é muito comum no centro, onde se destrói a parte interna das antigas casas muitas vezes modificando até as fachadas. Com a grande ocupação das ruas pelos carros associada ao sentimento de

insegurança da cidade, os estacionamentos acabam se tornando uma fonte de renda para os proprietários dos imóveis existentes.

Eu nasci na Rua Barão do Rio Branco. Sabe onde é um estacionamento ali, bem largo? De frente ao Banco do Brasil? Ali era uma casa de quatro ou cinco portas assim, era ali. Era uma casa.. Não sei nem falar porque eu não peguei mais a casa, né? É um estacionamento hoje. Eu nasci ali. Não sei os menores nasceram ali também, outros mais novos do que eu. Agora, os mais velhos nasceram acolá, a Guilhermina adorava aquela casa. Ela não queria sair de lá, não. Deus foi tão bom, né? Morreu na casinha que ela gostava. Ela não queria sair dali, não. Quando falava em mudança, ela ficava assim... Ficava calada, ficava meio, viu? Deus é pai, né? Ela adorava aquela casa! (Theresa)

Com a grande expansão, Fortaleza foi perdendo boa parte da sua identidade, pois esta estava associada ao centro. A cidade, assim, transfigurou-se e o abandono de seu centro, seu lugar de origem, é algo facilmente associado à sua história.

Relegado e pouco ajustado às imposições do rearranjo sócio-espacial, esta porção de Fortaleza converteu-se , por esta razão entre outras, em excelente resíduo arquitetônico e paisagístico do que fora a cidade de outrora, lugar privilegiado da memória coletiva do cearense. (Silva, 2015, p. 83)

A partir da situação atual, percebe-se um leve movimento na dinâmica da cidade indicando, quem sabe, um certo retorno para a área central. Robério coloca a sua percepção em relação à valorização da área pelo mercado imobiliário:

Tão fazendo uma campanha aí, o Pio, né, da Casa Pio, pra ver se o Centro melhora... Tornar esses edifícios que tão abandonados todos em residência, mas é uma coisa muito difícil. Agora, o Centro, não sei se você nota, em consequência dos terrenos da Aldeota estar se acabando, ela tá vindo pra cá já. Os edifícios. Aquele mais ou menos da Carlos Vasconcelos pra cá, é muita construção. Tão chegando na Rodrigues Junior, aqui na Heráclito Graça é cheio de prédio já. Acho que a tendência é eles virem chegando mais pra cá. Os terrenos é mais barato... Um amigo meu que é corretor, que tem construtora, imobiliária, ele acha que daqui a uns dez anos é cheio de edifício por aqui, em redor aqui até a Dom Manoel.

Silva (2015) discute que, diante do afastamento do núcleo central, as áreas mais afastadas podem se tornar problemáticas em relação à distância e despesas no deslocamento. Para o autor, passara a haver, num processo contrário, uma lenta aproximação da verticalização na região central conforme apontado por Robério anteriormente. Esse movimento evidencia “a busca de vantagens locacionais devido à contínua desvalorização dos imóveis localizados no entorno do centro” (p. 77).

O contraditório do processo é que o mesmo movimento gerador da acentuada desvalorização do entorno do centro com a busca de áreas novas mais afastadas, vêm provocando uma valorização da terra urbana, principalmente com o remembramento de lotes.

Em Fortaleza, esse processo acontece nas proximidades da delimitação da área central e ocorre também fomentado pela destruição de imóveis com importância para a arquitetura e história da cidade.

6 Considerações Finais

A transformação nas cidades oriundas da entrada do capital a partir de uma lógica mais invasiva modifica muito das relações sociais e, conseqüentemente, da forma urbana. No caso de Fortaleza, assim como acontece em outras cidades, esse processo espalhou o tecido urbano pelo território, fortalecendo diversas regiões da cidade. No entanto, a área central da cidade passou a enfrentar um processo de esvaziamento e conseqüente desvalorização. “A cidade nova que desponta, surge sem marcas referenciais. As manifestações de certo compromisso com o novo, exclui o centro” (Silva, 2015, p. 86)

O Centro, bairro antes dotado de prestígio com fins habitacionais e comerciais destinado às classes altas, consistia também num espaço de lazer, cultura e convivência relevante para a cidade. Na verdade, o Centro era a própria cidade, tudo convergia para ele. Foi daquele centro que a cidade nasceu e se fortaleceu, e é lá onde se encontra a maior parte da memória de Fortaleza.

Com o distanciamento da área central, o surgimento de novas centralidades e o movimento de migração para os shoppings, a relação da cidade com o seu lugar de origem se modificou e, conseqüentemente, os aspectos que alimentavam a região também. Com isso, não só foi alterado o tipo de comércio, mas também todos os usos do espaço, incluindo a relação que os seus antigos moradores passaram a estabelecer com o entorno e a forma como o vivenciam. Para os idosos, pessoas que tiveram uma trajetória de vida que atravessou as transformações do bairro, lugar de afeto para eles, essas mudanças são ainda mais peculiares por envolverem questões subjetivas.

Através da Análise de Conteúdo das narrativas dos antigos moradores, identificou-se cinco categorias finais relacionadas às principais transformações experienciadas por eles na relação com o bairro. A partir da identificação desse material, os aspectos psicossociais

que envolvem a relação estabelecida foram evidenciados e analisados sob a perspectiva da relação humano-ambiental.

A compreensão da relação que acontece entre essas pessoas e seus lugares afetivos, ao ser orientada por uma discussão que se propõe a articular não só os aspectos da transformação urbana e social, mas trazendo ênfase para os aspectos psicossociais através do olhar da Psicologia Ambiental, possibilitam o entendimento dos desdobramentos das mudanças a partir de uma preocupação sobre os impactos que essas modificações trazem para as vidas das pessoas e da coletividade.

Identificou-se que os desdobramentos acarretados para as pessoas oriundos das alterações da região são diversos. No entanto, a vivência dessa modificação, assim como as estratégias utilizadas para permanecer na região, são variadas e fortemente atravessadas pelas relações com o lugar de modo geral. A criação de vínculos efetivos com o lugar e também de fortalecimento daqueles que já existem se apresentam como um importante referencial de suporte diante das transformações.

Ressalta-se que trabalhos realizados com objetivos semelhantes a este abrem um campo de possibilidades de articulação com políticas públicas podendo assim contribuir para intervenções urbanas que propiciem a melhoria da qualidade de vida no bairro.

Referências

- Almeida, R. P.; Monte-Mór, R. L. M.; Amaral, P. V. M. (2017). Implosão e explosão na Exópolis: evidências a partir do mercado imobiliário da RMBH. *Nova Economia*, 27(2), 323-350.
- Araújo, J. A. (2012). Sobre a cidade e o urbano em Henri Lefebvre. *Espaço e Tempo*, N° 31, 133-142.
- Augé, M. (2003). *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus.
- Baquit, J. A. N. D. (2017). *Psicologia Ambiental e Literatura: Os significados da casa no livro Dois Irmãos, de Milton Hatoum. (Dissertação de Mestrado)*. Universidade de Fortaleza, CE.
- Barbosa, M. F. (2003). *Experiência e narrativa*. Salvador: EDUFBA.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bardin, L. (1977). *L'Analyse de contenu*. Editora: Presses Universitaires de France.
- Barreira, I. A. F. (2007). Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. *Análise Sociológica*, 42(182), 163-180.
- Benjamin, W. (2012). *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Bomfim, Z. (2010). *Cidade e Afetividade*. Fortaleza: Edições UFC.
- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28.

- Bosi, E. (1979). *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Tao.
- Botelho, T. R. (2005). Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís. *EURE (Santiago)*, v.31, n.93.
- Câmara, R. H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (2), julho-dez, 179-191.
- Cavalcante, S.; Elali, G.A. (orgs.) (2011). *Temas básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2018). *Psicologia Ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Correa, R. L. (1989). *O espaço urbano*. São Paulo: Editora Ática.
- Costa, M. C. L. (2009). Planejamento e expansão urbana. In: Dantas, E. W. C.; Costa, M. C. L.; Silva, J. B. *De cidade a metrópole: (Trans)formações urbanas em Fortaleza*. Fortaleza: Edições UFC.
- Dantas, E. W. C. (2009). O centro de Fortaleza na contemporaneidade. In: Dantas, E. W. C.; Costa, M. C. L.; Silva, J. B. *De cidade a metrópole: (Trans)formações urbanas em Fortaleza*. Fortaleza: Edições UFC.
- Dimenstein, M.; Scocuglia, J. B. C. (2017). Em busca de novos caminhos metodológicos: Percepção e experiência nos espaços públicos urbanos contemporâneos por idosos da cidade de João Pessoa. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 19(3), 417-439.
- Germano, I. M. P. (2009). As ruínas da cidade grande: imagens da experiência urbana na literatura brasileira contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(2), 425-446.

- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- Gondim, L. M. P. (2001). A construção social da memória na moderna Fortaleza. In: Aguiar, O. A.; Batista, J. E. & Pinheiro, J. (Org.). *Olhares contemporâneos: cenas do mundo em discussão na universidade*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.
- Gondim, L. M. P. (2007). *O Dragão do Mar e a Fortaleza Pós-Moderna: Cultura, patrimônio e imagem da cidade*. São Paulo: Annabume.
- Gonçalves, T. M. (2007). *Cidade e poética: Um estudo de Psicologia Ambiental sobre o ambiente urbano*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- Jelin, E. (2001). ¿De qué hablamos cuando hablamos de memorias? In: _____. *Los trabajos de la memoria*. España: Siglo Veintiuno editores.
- Jodelet, D. (2002). A cidade e a memória. In Del Rio (Org.). *Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra capa.
- Jovchelovitch, S.; Bauer, M. W. (2002). Entrevista narrativa. In: Bauer, M.W.; Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Lefebvre, H. (1999). *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- _____. (2001). *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro.
- Lefèvre, F.; Lefèvre, A. M. C; Teixeira, J. J. V. (2000). *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUCS.
- Lira, G. V.; Catrib, A. M. F.; Nations, M. K. (2003). Três métodos de análise para a entrevista narrativa. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 16(1/2), 59-66.

- Maricato, E. (2001). Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Editora Vozes.
- Mumford, L. (2004). A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes. Tradução Neil R. da Silva.
- Muylaert, C. J. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. Revista Esc Enferm USP, 48(ESP2), 193-199.
- Oriá, R. (2002). Fortaleza: Os Lugares da Memória. In: Sousa, Simone de (Org). Uma Nova História do Ceará. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha.
- Paiva, R. (2005). Entre o mar e o sertão: paisagem e memória no centro de Fortaleza. Fortaleza: UFC.
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. Ensaios Históricos, 5(10), 200-212.
- Prigge, W. (2002). Metropolização. In.: Pallamin, V. M. (Org.) Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Estação Liberdade.
- Rolnik, R. (2012). O que é cidade? São Paulo: Editora Brasiliense.
- Santos, M. C.; Silva, E. S.; Silva, J. B. (2011). Dinâmica socioeconômica e a formação de territórios no centro de Fortaleza-Ce: O Beco da Poeira e a Feira da Sé. Revista Geográfica de América Central. V. 2, jul-dez, p. 1-13.
- Sarlo, B. (1997). Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Schmidt, M. L.; Mahfoud, M. (1993). Halbwachs: Memória coletiva e experiência. Psicologia USP, 4(1/2), 285-298.
- Sennet, R. (2003). Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro:

Record.

_____. (2004). O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.

Silva, A. H.; Fossá, M. I. T. (2015). Análise de Conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s Revista Eletrônica* V. 17 No 1.

Silva, J. B. (2015). Reestruturação produtiva e reconfiguração da área central de Fortaleza. *Mercator Revista de Geografia da UFC*. V. 14, N. 3, p. 75-88.

Silva, J. B.; Gonçalves, T. E. (2012). Urbanização e produção da cidade: Shopping Centers na dinâmica de novas centralidades em Fortaleza-Ce. *Geosul*. V. 27, n. 53, jan-jun, p. 63-88.

Simmel, G. (1979). A Metrópole e a Vida Mental. In.: Velho, O. G. (Org). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Soja, E. W. (2000). *Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions*. Massachusetts: Blackwell Publishers.

_____. (2013). Para além de postmetropolis. *Rev. UFMG*, 20(1), 136-167.

Thibaud, J.-P. (2012). *Por uma gramática geradora das ambiências*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: Experiências de um bairro em transformação: a relação pessoa-ambiente nas narrativas de antigos moradores do Centro de Fortaleza

NOME DO PESQUISADOR: Ana Carolina Recamonde Capelo

ENDEREÇO: Rua Marcos Macedo No 149 Apto 402 Aldeota CEP 60150-190

TELEFONE: (85) 9.8102.3953

Prezado(a) Participante,

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa, desenvolvida por Ana Carolina Recamonde Capelo, mestranda em Psicologia, na Universidade de Fortaleza, que irá investigar sobre as relações que idosos estabelecem com o centro de Fortaleza a partir das transformações sofridas pela cidade.

A referida pesquisa tem como objetivo geral compreender as experiências e relações que idosos, habitantes da cidade de Fortaleza, que moram ou moraram no Centro de Fortaleza a partir da década de 70, estabelecem com o bairro e, conseqüentemente, com a cidade diante das transformações ocorridas na região.

1. POR QUE VOCÊ ESTÁ SENDO CONVIDADO A PARTICIPAR?

O convite para a sua participação se deve ao seu envolvimento com a região estudada e por você estar dentro do perfil estipulado para participação na pesquisa.

Assinatura do pesquisador _____

Assinatura do participante _____

2. COMO SERÁ A MINHA PARTICIPAÇÃO?

Ao participar desta pesquisa você poderá contar algumas histórias que viveu na cidade, no Centro, e responder algumas perguntas sobre o tema, caso se sinta à vontade. Caso você autorize, a entrevista será gravada e transcrita. Após esta etapa, um estudo será feito relacionando aspectos teóricos com aquilo que foi contado por você. Lembramos que a sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia e liberdade para decidir se quer ou não participar. Você pode desistir da sua participação a qualquer momento, mesmo após ter iniciado a(s) entrevista(s), sem nenhum prejuízo para você. Não haverá nenhuma penalização caso você decida não consentir a sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

3. QUEM SABERÁ SE EU DECIDIR PARTICIPAR?

Somente o pesquisador responsável e sua equipe saberá que você está participando desta pesquisa. Ninguém mais saberá da sua participação. Entretanto, caso você deseje que o seu nome / seu rosto / sua voz ou o nome da sua instituição conste do trabalho final, nós respeitaremos sua decisão. Basta que você marque ao final deste termo a sua opção.

4. GARANTIA DA CONFIDENCIALIDADE E PRIVACIDADE.

Todos os dados e informações que você nos fornecer serão guardados de forma sigilosa. Garantimos a confidencialidade e a privacidade dos seus dados e das suas informações. Tudo que o(a) Sr.(a) nos fornecer ou for obtido através das entrevistas serão utilizadas(os) somente para esta pesquisa.

Assinatura do pesquisador _____

Assinatura do participante _____

As entrevistas serão gravadas somente com a sua autorização. Porém ressaltamos que as gravações são muito importantes para que as análises e articulações teóricas possam ser feitas posteriormente. O material será guardado de forma sigilosa e será usado apenas para a pesquisa.

O material da pesquisa com os seus dados e informações será armazenado em local seguro e guardados em arquivo, por pelo menos 5 anos após o término da pesquisa. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa.

Ressaltamos que neste trabalho não temos a intenção de publicizar a sua imagem ou a sua voz, portanto as gravações vão ser utilizadas apenas para transcrição e análise dos dados.

5. EXISTE ALGUM RISCO SE EU PARTICIPAR?

Esta pesquisa apresenta um risco pequeno para você , que será reduzido através da utilização correta da técnica de entrevista e compromisso ético do pesquisador.

O(s) procedimento(s) utilizado(s) na pesquisa poderá(ão) trazer algum desconforto como, no momento da narrativa, ao contar suas recordações, pode despertar emoções diversas ou gerar um certo cansaço. Caso algum desconforto aconteça, a pesquisadora, como psicóloga, está apta a lhe dar suporte no momento e, em caso de cansaço, a entrevista poderá ser suspensa e retomada em outro momento.

6. EXISTE ALGUM BENEFÍCIO SE EU PARTICIPAR?

Os benefícios esperados com a pesquisa são no sentido de, através da entrevista narrativa, você poder refletir sobre as mudanças sofridas pela cidade e a sua participação como cidadão nesse processo. Além disso, é uma oportunidade de contribuir com a ciência através da sua própria experiência de vida e sua percepção sobre as políticas públicas para a cidade.

Assinatura do pesquisador _____

Assinatura do participante _____

7. FORMAS DE ASSISTÊNCIA E RESSARCIMENTO DAS DESPESAS.

Se você necessitar de alguma orientação ou atendimento em decorrência da participação na entrevista, como resultado desta pesquisa, a pesquisadora responsável (Nome: Ana Carolina Recamonde Capelo, Endereço: Rua Marcos Macedo No 149 Apto 402, Telefone: (85) 98102.3953), por ser psicóloga, se responsabiliza por prestar o(s) atendimento(s) necessário(s). A participação na pesquisa não acarretará nenhum custo financeiro para você assim como não resultará em nenhum tipo de benefício financeiro.

8. ESCLARECIMENTOS

Se você tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Nome do pesquisador responsável: Ana Carolina Recamonde Capelo

Endereço: Rua Marcos Macedo No 149 Apto 402 Aldeota CEP 60150-190

Telefone para contato: (85) 9.8102.3953

Horário de atendimento: Segunda à sexta, 8h às 17h.

Se você desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza, Ce. O Comitê de Ética tem como finalidade defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade de Fortaleza- COÉTICA
Av. Washington Soares, 1321, Bloco M, Sala da Diretoria de Pesquisa e Desenvolvimento e Inovação.

Bairro Edson Queiroz, CEP 60811-341. Telefone (85) 3477-3122, Fortaleza, Ce.

Assinatura do pesquisador _____

Assinatura do participante _____

9. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO.

Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar da pesquisa deve preencher e assinar este documento que será elaborado em duas vias; uma via deste Termo ficará com o(a) Senhor(a) e a outra ficará com o pesquisador.

O participante de pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, deve rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, apondo a sua assinatura na última página do referido Termo.

O pesquisador responsável deve, da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

10. USO DE VOZ E/OU IMAGEM

Caso o(a) Senhor(a) deseje que seu nome, seu rosto, sua voz ou o nome da sua instituição apareça nos resultados da pesquisa, sem serem anonimizados, marque um dos itens abaixo.

____ Eu desejo que o meu nome conste do trabalho final.

____ Eu desejo que o meu rosto/face conste do trabalho final.

____ Eu desejo que a minha voz conste do trabalho final.

____ Eu desejo que o nome da minha instituição conste do trabalho final.

Assinatura do pesquisador _____

Assinatura do participante _____

11. CONSENTIMENTO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a) _____, portador(a) da cédula de identidade _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores. Ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Fortaleza-Ce., _____ de _____ de _____.

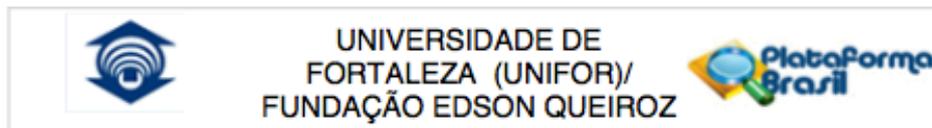
Assinatura do participante ou Representante Legal

Assinatura do Pesquisador

Impressão dactiloscópica

ANEXOS

ANEXO A - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - Coética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Experiências de um bairro em transformação: a relação pessoa-ambiente nas narrativas de antigos moradores do Centro de Fortaleza

Pesquisador: ANA CAROLINA RECAMONDE CAPELO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 84857318.5.0000.5052

Instituição Proponente: Fundação Edson Queiroz

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.585.410

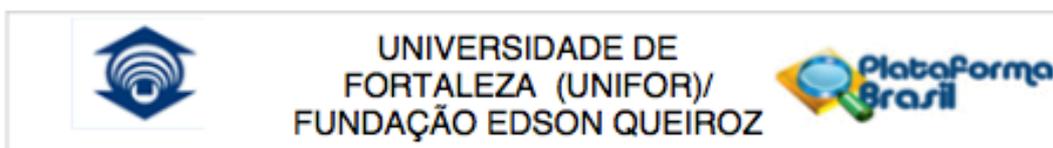
Apresentação do Projeto:

O Projeto em apreciação ao Comitê de Ética-COÉTICA da Universidade de Fortaleza-UNIFOR, intitulado Experiências de um bairro em transformação: a relação pessoa-ambiente nas narrativas de antigos moradores do Centro de Fortaleza de autoria de Ana Carolina Reca-monde Capelo.

O trabalho tem sua relevância uma vez em um contexto de intensificação do processo de glo-balização que interfere e define movimentos globais das ditas cidades-mundo e considerando a influência do sistema capitalista nos desenhos e distribuição dos territórios urbanos, os pro-cessos de destituição e enfraquecimento tanto da participação da população nos destinos das cidades quanto na manutenção e conservação patrimonial se fortalecem. Assim, as áreas cen-trais vão sendo, muitas vezes, fortemente redesenhadas. São novas configurações sociais que vão surgindo e se materializando nas cidades. Assim como acontece em muitas cidades do mundo, o centro de Fortaleza passa por profundas transformações.

O presente estudo trata-se de caráter eminentemente qualitativo se apresenta através da pro-posta da utilização de entrevistas narrativas enquanto método de coleta de dados. As entrevis-tas para o aprofundamento das questões em investigação podem evidenciar questões pouco conhecidas da sociedade. Pretende-se realizar o estudo com seis idosos, de ambos os sexos, que estabelecem relações significativas como habitação, trabalho e/ou lazer no Centro de For-taleza

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 2.585.410

desde a década de 70, período em que a região começa a passar por maiores transformações urbanas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender as experiências e relações que idosos, habitantes da cidade de Fortaleza, que moram ou moraram no Centro de Fortaleza a partir da década de 70, estabelecem com o bairro e, conseqüentemente, com a cidade diante das transformações ocorridas na região.

Objetivo Secundário:

- Identificar as principais mudanças sofridas pelo bairro desde a década de 70 até a atualidade sob a perspectiva dos participantes;
- Analisar as trajetórias de vida dos participantes e sua relação com as transformações do bairro;
- Identificar e relacionar os principais processos psicossociais presentes no discurso dos participantes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

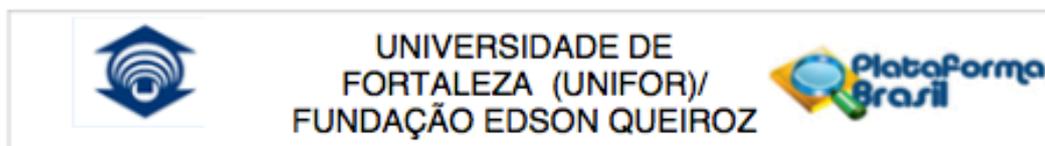
Riscos:

A pesquisa possui risco mínimo uma vez que envolve apenas os relatos e histórias da relação com o bairro do Centro de Fortaleza. O risco que pode haver é o de o participante se emocionar ao ser entrevistado. Porém, a pesquisadora, por ser psicóloga, tem condições de acolher demandas de escuta e intervenção que possam existir.

Benefícios:

Como benefício da referida pesquisa para os participantes envolvidos, podemos ressaltar a escuta, valorização do idoso e suas narrativas, reflexão sobre a relação com a cidade.

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 2.585.410

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto tem sua relevância acadêmica e social apresenta-se de forma coerente entre o tema, objetivos e metodologia para atingir o objetivo central.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto de pesquisa traz em anexo o TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO compreendo os objetivos da pesquisa, ressaltando a ciência do respondente de que terá garantido os direitos assegurados pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde em seus requisitos.

Recomendações:

Após a leitura da versão apresentada, não há recomendações por conta de pendências do projeto de pesquisa analisado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

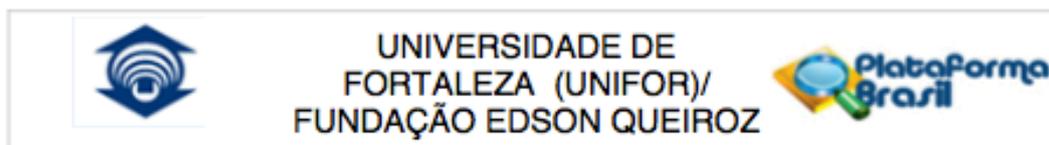
O Colegiado recomenda a Aprovação ao projeto de pesquisa visto atender, na íntegra, às determinações da Resolução CNS/MS 466/12 e diretrizes.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1069896.pdf	09/03/2018 16:11:16		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Resposta_ao_Coetica_Unifor.pdf	09/03/2018 16:09:57	ANA CAROLINA RECAMONDE CAPELO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	09/03/2018 16:05:11	ANA CAROLINA RECAMONDE CAPELO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Coetica.pdf	09/02/2018 23:22:04	ANA CAROLINA RECAMONDE CAPELO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	09/02/2018 23:19:38	ANA CAROLINA RECAMONDE CAPELO	Aceito

Endereço: Av. Washington Soares 1321/Bloco da Retórica
 Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz CEP: 60.811-905
 UF: CE Município: FORTALEZA
 Telefone: (85)3477-3122 Fax: (85)3477-3056 E-mail: coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 2.585.410

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 06 de Abril de 2018

Assinado por:
ALDO ANGELIM DIAS
(Coordenador)

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br